

2.º SECRETARIO

Carlos Lotito — Rua Prates, 87

THESOUREIRO

Antonio Peixoto — Rua Aurora, 160

1.º BIBLIOTHECARIO

Augusto R. de Carvalho — Rua Barra Funda, 61

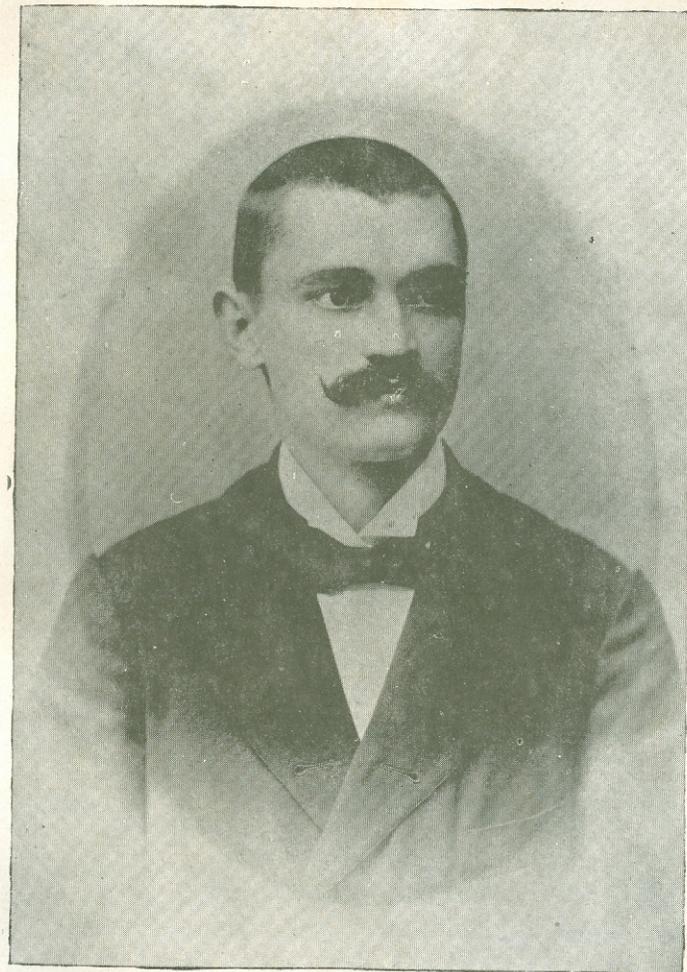
2.º BIBLIOTHECARIO

Armando Gomes de Araujo — Rua Barra Funda, 48

PROCURADOR

Francisco de Assis Velloso — Rua General Jardim, 38

PANTHEON ESCHOLAR



GABRIEL PRESTES

GABRIEL PRESTES

I

Reminiscencias

Fomos contemporaneos na antiga, na modesta, mas saudosissima Escola Normal, na Rua da Boa Morte.

Quando para ahi entrei, em 1888, Gabriel Prestes fazia o 3.º anno, o ultimo, então, do curso. Nossas relações, contudo, não se deviam entabolar sinão em época muito posterior.

Em 88 não passava eu de um misero *calouro*. Timido, modesto, a turma dos professorandos formava, aos meus olhos, um mundo aparte, uma como aristocracia do talento, do saber. Naquelle anno, sobretudo, o 3.º anno constituia uma pleiadé brilhante, prestigiosa. Ao lado de G. Prestes sentavam-se Luiz Galvão de Lacerda, Ramon Roca, Mariano de Oliveira, Gabriel Ortiz, Antonio Arnobio e tantos outros que, com maior ou menor brilho, deviam collaborar na obra ingente que S. Paulo vem realizando em materia de ensino.

Pouco antes das aulas, reuniam-se elles no pateo interior do velho casarão, ou nas salas mal illuminadas, no pavimento terreo e ali, divididos em grupos, trocavam idéas sobre as licções do dia. Não raro travavam-se dis-

cussões. Começavam a proposito de uma questão qualquer do dominio da Pedagogia, mas derivavam quasi sempre para o terreno philosophico, pois, como judiciosamente observa William James, não ha doutrina de educação que não mergulhe suas raizes num dado systema de philosophia.

O Prestes acompanhava com sympathia essas discussões, em que por vezes tomava parte. Falava pouco, com gestos sobrios, mas suas palavras tinham grande peso.

Revelava tendencias materialistas; lêra Büchner, privava intimamente com Julio Ribeiro, e delle recebera, de par com o gosto pelos estudos philologicos, a iniciação philosophica que tão decisiva devia ser para a sua formação.

Era um prazer assistir a esses prélios da mocidade normalista de então.

Os calouros deixavam-se attrahir irresistivelmente e quedavam-se a escutar.

Havia um ou outro mais desabusado, como o Edmundo Malachias, o Raphael de Lima, o Assis Pereira que, no mais acceso da discussão, aventuravam uma facecia engraçada; a maior parte, porém, ficava subjugada, mal podendo articular *in petto* esta confissão: -- Caramba! Como esta gente sabe!

Um dia -- o mau exemplo é contagioso -- entre nós da plebe travou-se tambem uma discussão. Tratava-se de saber qual era, dentre os terceirannistas, o mais talentoso, o mais competente, o mais preparado.

Ea votei pelo Prestes. Votei por palpito ou pura questão de sympathia. Jamais trocára com o Prestes uma palavra e, nestas condições, que elementos podia eu ter para o julgar?

Julgava-o antes com o coração do que com a cabeça.

Poderá acaso forrar-se alguém aos impulsos da propria sympathia?

E assim transcorreu o anno de 88.

Anno agitado aquelle. Além da questão positivista, que déra em resultado a retirada de dois lentes de valor,

um terceiro tinha sido demittido em virtude de um processo disciplinar.

O Conego Manoel Vicente, Director da Escola, começou a ser atacado por alguns jornaes infensos á situação. Foi uma verdadeira campanha de diffamação: de tudo se lançou mão contra elle, inclusive a calúnnia torpe, soez.

Em Novembro de 88, o Dr. Mattoso Ferraz, Director do Externato *Santo Antonio*, convocou, para uma reunião, os estudantes normalistas, afim de deliberar sobre a attitude a tomar.

Fiquei devéras surprehendido quando, ao penetrar no recinto, avistei Gabriel Prestes entre as pessoas que acudiram ao appello.

Que vinha ella fazer ali? Materialista, livre pensador, que se lhe dava dos ataques contra o Conego Manoel Vicente?

Não era mais natural que elle se alistasse nas fileiras daquelles que, apparentando atacar o Director da Escola Normal, alvejavam na realidade o sacerdote?

Não tardaria em sabe-lo.

O Dr. Mattoso Ferraz expôz em poucas palavras o fim da reunião.

Os normalistas iam tomar uma attitude, e o que lhes cumpria fazer, em sua opinião, era enviar ao Director da Escola Normal uma moção de apreço e solidariedade.

Falou com vehemencia e falou bem, mas foi menos feliz quando quasi ao concluir, affirmou que os estudantes normalistas buscavam na carta de professor um ganha-pão...

Assis Pereira ergue-se e protesta, secundado por outros. Trocam-se apartes e trava-se uma discussão muito extranha aos motivos da reunião.

O Dr. Mattoso Ferraz retirou a phrase malsinada, mas a agitação não cessou: era bem um comicio de latinos.

De repente fez-se silencio. Gabriel Prestes levantára-se pedindo a palavra. A' sua voz todos se calaram, em attitude deferente, sympathica.

O orador começou fazendo sentir que era preciso voltar á realidade. A discussão resvalára para um terreno estranho e estéril.

Esta reunião, continuou, foi convocada para tratar de um assumpto muito grave, muito delicado.

Trata-se de prestigiar a auctoridade do Director da Escola Normal, erguendo um protesto contra os ataques levianos, apaixonados e injustos de que elle é alvo. E' mister que comprehendamos uma cousa: o nosso silencio será interpretado como uma approvação, um apoio tacito da campanha dirigida contra um funcionario que é nosso director, nosso chefe.

Faz-se mister que nós, normalistas, ergamos a voz para desfazer esse equívoco, que o nosso silencio tornaria justificável.

O momento é de acção, não é de discussão. E no meio do silencio de todos, Gabriel Prestes declarou que votava pela moção e a assignava sem restricção.

A breve allocução teve um effeito magico. A moção passou de mão em mão e, no dia seguinte, apparecia estampada num dos diarios de maior circulação, com cerca de 100 assignaturas.

Para este successo foi decisiva a attitudo de Gabriel Prestes: seus sentimentos de justiça falaram mais alto que as insinuações do sectarismo, tão communs em taes emergencias.

II

Vida publica

Esta *Revista* resolveu prestar uma homenagem á memoria de Gabriel Prestes.

Com este intento, a digna commissão da redacção appellou para mim, solicitando a minha collaboraço; e eu, sem me deixar apavorar pela responsabilidade que ia assumir, acceitei sem hesitaço o encargo: não quiz perder o ensejo que se me azava de pagar uma divida de gratidão e amizade.

Para pôr em relevo a physionomia moral de Gabriel Prestes, fui buscar entre as reminiscencias já descoradas dos meus tempos de estudante um incidente, que vale por uma photographia. Nelle se esteriotypou o perfil vigoroso do moço estudante, sobrepondo-se a todos pelo seu ascendente pessoal e pelo peso de sua palavra, num bello gesto de independencia moral, dessa independencia que já-mais o abandonou em toda a sua vida. Não tratei de esquadrihar pormenores biographicos, convencido de que nenhum delles me poderia fornecer algo de mais expressivo, de mais caracteristico.

Baste-nos accentuar que as qualidades de Gabriel Prestes, reveladas nessa conjuntura, accentuaram-se e intensificaram-se mais e mais com o correr dos annos.

Dada a indole desta *Revista*, eu quero ater-me especialmente a estes actos de sua vida publica, que mais de perto se relacionam com a evoluço de ensino em S. Paulo.

Em 1892, Gabriel Prestes assignala-se pela primeira vez como paladino ardoroso da grande causa, publicando no *Estado* uma brilhante série de artigos sobre o projecto de lei que acabava de ser apresentado no Congresso, reformando a instrucção publica e do qual sahiu a lei n. 88 de 8 de Setembro de 1892.

Coube-lhe, pois, a gloria de collaborar, como jornalista, nessa reforma que tão bellos resultados devia produzir na pratica; e tal foi a competencia de que elle deu então provas, tal o descortino de que se revelou capaz, que os *leaders* da politica julgaram dar um passo acertado confiando-lhe uma cadeira na Camara dos Deputados.

E não se enganaram: nesse posto de honra a que se elevára pelo seu valor pessoal, elle affirmou de novo as grandes qualidades de seu espirito num discurso que produziu ao apresentar um projecto, que completava a lei do anno anterior.

Dá-se logo depois um facto na apparencia inexplicavel: Gabriel Prestes deixa a cadeira que com tanto brilho occupava para acceitar a direcção da Escola Normal,

que se lhe offercia. Comprehendera que a melhor das leis pode vir a ser desvirtuada por uma regulamentação não inspirada nos seus intuitos, por uma execução não identificada com seu espirito.

O que Gabriel Prestes conseguiu realizar nesse posto de trabalho, forma uma das mais bellas paginas da historia paulista, no fecundo quatriennio presidido pelo Dr. Bernardino de Campos.

Membro do Conselho Superior, foi elle um dos mais prestimosos collaboradores de Cesario Motta e deixou, como marco imperecível de sua passagem, o Regulamento de 1893, o mais completo, o mais perfeito que temos tido até hoje, na opinião dos competentes.

A remodelação da Escola Normal era um facto consumado, e consumado com brilho inexcedível. Essa remodelação, porém, como tantas vezes disséra o Dr. Caetano de Campos aos seus discipulos da Escola Normal, devia ser apenas o primeiro passo para uma outra de maior vulto, a remodelação de todo o apparelho escolar.

A administração do ensino apresentava defeitos e lacunas. A criação das inspectorias districtaes fôra, para a época, um progresso e os seus beneficios foram incontestaveis. Um obstaculo, porém, se levantava a entorpecer-lhes a acção: era a politica regional, empenhada em muitos logares em fazer dos inspectores districtaes instrumentos doces dos interesses de campanario.

O Congresso de inspectores, reunido em 1896 na Capital, sob a presidencia do Dr. Alfredo Pujol, então secretario do interior, constituiu uma documentação irrefragavel dessa situação positivamente anomala. Era preciso dar autonomia aos inspectores, sob pena de subordinar os interesses do ensino aos interesses nem sempre confessaveis dos politicos locais.

Dominado por estas idéas, o Dr. Alfredo Pujol, que deixára a pasta do Interior e fôra eleito deputado estadual, apresentou no Congresso, em 1897, um projecto de reforma.

Por elle ficavam extinctas as antigas inspectorias districtaes e creava-se no Estado uma Inspectoria Geral de Ensino, cujo chefe seria auxiliado por uma corporação de dez inspectores escolares, com residencia na Capital.

O projecto declarava que a direcção desse serviço seria confiada a uma alta competencia do ensino, e todo o mundo leu nas entrelinhas o nome de Gabriel Prestes.

Fale agora, em meu logar, o proprio Gabriel Prestes. Em carta que me dirigiu para Piracicaba, em Março de 1898, dizia elle o seguinte:

«Resolvida irrevogavelmente a extincção de Conselho Superior, resolvi prestar o meu concurso á nova organização, que offercia ensejo de se realizar o pensamento capital que determinára a criação de proprio Conselho.

«Não podendo aceitar o cargo de Inspector Geral, por circumstancias que não vêm a proposito referir, indiquei para substituir-me o meu amigo Oscar Thompson, que desde logo se associou ás minhas idéas. Ambos desejavamos tornar inabalavel a actual organização escolar, formando uma corporação conservadora, composta de dez professores dedicados e competentes.

«Ficaria assim entregue aos proprios professores a verdadeira direcção do ensino publico, pois que, aos inspectores é que incumbiria resolver ou indicar — soluções para todas as questões relativas á organização pedagogica e á disciplina escolar; os governos, quaesquer que fossem, então, as suas mutações, não mais teriam de encontrar os embaraços que sempre se oppõem aos novos administradores, emquanto não se acham inteiramente conhecedores do serviço, não podendo por isso dirigir com acerto a sua acção sem gerar conflictos.

«Para chegar a esse resultado, era preciso proceder com intransigencia. Vendo que o regulamento não satisfazia ás condições desejadas, eu e o Thompson procuramos convencer o Governo da urgencia de modifica-lo, em vista dos seus vicios quasi insanaveis. Parecia-nos que tanto o Secretario do Interior, como o Presidente, não

eram contrarios a essa solução, mas com surpresa verificamos que o nosso procedimento desassombrado apenas servira para nos crear uma situação insustentavel. O regulamento foi posto em vigor e com elle, estamos certos, vae soffrer a causa do ensino. Nestas condições, nada mais tinhamos a fazer...»

Este topico final é expressivo: Gabriel Prestes e Oscar Thompson entenderam não poder mais contiunar á frente dos dois importantes estabelecimentos confiados á sua direcção. Ambos se exoneraram, acompanhados nesse acto pelo professor Joaquim Sant'Anna. Não se podia dar melhor prova de amor ás proprias convicções e simultaneamente de desprendimento pessoal. Seu gesto, porém, não passou de um facto isolado. Não faltou até quem tentasse lançar-lhe o ridiculo, acondimentando-o com uma phrase picaresca...

Quem poderá extranhar que á myopia falte descortino? O futuro veio infelizmente demonstrar que Gabriel Prestes não se enganára nas suas previsões pessimistas. A nova organização não foi positivamente um successo. Viu-se mais uma vez que as melhores leis de nada valem, quando os regulamentos não se amoldam aos seus intuitos, quando os executores não têm iniciativa, prestigio, envergadura moral. Não houve grito de alarme, mas todos tinham a impressão de um rapido retrocesso. Para conjurar esse perigo era preciso um homem, um timoneiro de pulso forte e experimentado; e assim se explica a volta de Gabriel Prestes para o Congresso em 1900.

Um facto imprevisto, porém, veio dissipar todas as esperanças que essa reeleição motivou. Esse facto, que devia fechar para sempre a carreira politica de Gabriel Prestes, foi a scisão que, em 1891, quebrou a unidade do tradicional partido republicano paulista. Gabriel Prestes, para não atraiçoar os principios pelos quaes se bateu sempre, acompanhou a dissidencia.

Nessa conjunctura, porém, deu elle mais uma prova da sua velha lealdade; resignou sua cadeira de deputado.

Tal foi Gabriel Prestes, como homem publico.

III

O Prestes intimo

Si é tarefa relativamente facil dizer de Gabriel Prestes como homem publico, o caso é diverso, quando se trata de tracejar-lhe o perfil de homem intimo.

Aquelles, que tiveram a felicidade de privar com elle, constituíam um grupo assaz reduzido. Para os demais era pouco expansivo. Parecia ter por divisa o proloquio inglez -- *still waters run deep*. Alguns o achavam triste, outros, orgulhoso. A verdade é que, por traz daquella circumspecção que dominava, havia um grande coração, um amigo leal, dedicadissimo.

Ao rascunhar estas tiras, dedicadas á sua memoria como um tributo de imperecivel saudade, eu não resisto o desejo de aqui inserir uma das suas cartas, guardada entre outras como preciosa reliquia:

« Amigo João Lourenço :

«Envio-te felicitações pelas merecidas demonstrações de apreço e estima que tiveste no dia de teu anniversario e que contribuíram para a acertada resolução de continuares ainda, por algum tempo, em Piracicaba.

A tua vinda para a Capital seria para mim um motivo de contentamento, mas acredito que a tua retirada seria muito desvantajosa para a Escola Complementar, que te conquistará valiosas sympathias e amizades.

O conceito que assim adquires, além de ser uma justa satisfação do amor proprio, constituirá um capital em seguras probabilidades de successo para qualquer empreendimento futuro.

Não te posso dar melhores provas de intimidade de que tratando assim francamente do teu interesse pessoal.

E, já agora, não poderás ter embaraço em me tratar como se tratam os amigos e companheiros.

Meus respeitos á Exma. Família e dispõe do amigo sincero

Gabriel Prestes. »

Les morts vont vite...

Ha mortos, porém, que fogem á excepção, e Gabriel Prestes é um delles.

Em sua passagem pela vida publica teve elle de beneficiar a muita gente, e avultado é o numero daquelles a quem elle deu a mão e para cuja carreira contribuiu de um modo decisivo. Pobre, fez-se por si, e parece que, por isso mesmo, se comprazia em auxiliar os modestos e desprotegidos.

Um facto, aliás pouco conhecido, servirá para attesta-lo.

Quanto Gabriel Prestes foi nomeado director da Escola Normal, o velho professor João Vieira de Almeida que era lente cathedratico de Portuguez, abandonou a sua cadeira. Tinha tido, pouco antes, um attricto com G. Prestes e entendeu não dever trabalhar sob sua direcção. O novo director officiou-lhe repetidas vezes, convidando-o a reassumir o exercicio, mas João Vieira, que tinha a velha tempera paulista, a nada attendeu.

A cadeira ficou vaga por abandono e por fim foi provida.

Correram os annos. O ensino particular é de resultados muito precarios entre nós e João Vieira viu chegarem as difficuldades... Em conversa intima commigo—era então eu Inspector Geral do Ensino—declarou que unica salvação, para elle, estaria na volta para a Escola Normal.

Gabriel Prestes soube disso e, superior aos resentim-

mentos que pudéra ter, declarou-me que veria com agrado a reintegração do professor João Vieira e que, si tanto fosse preciso, iria empenhar-se nesse sentido.

Nos ultimos tempos de sua vida, como é sabido, Gabriel Prestes dedicou-se á vida commercial, onde ia fazendo rapida carreira. Conservára, porém, suas antigas amizades no professorado. Não era desses, cuja amizade cessa com a convivencia. O Dr. Joaquim Sant'Anna, conversando com elle pouco tempo antes de sua morte, ouviu-lhe esta expressiva declaração: — «Nunca deixarei de ter saudades da Escola Normal. Vivi identificado com ella tanto tempo e a ella consagrei o melhor de minha vida. Pudesse eu trabalhar sempre com o entusiasmo com que ali trabalhei».

Durante o tempo que residi em S. Carlos, eu e o meu velho amigo Antonio Palmieri, encontrávamo-nos frequentemente no Jardim Publico e ali, á sombra das arvores, ficávamos horas a conversar.

O Palmieri é ligado á familia de Gabriel Prestes e por intermedio d'elle foi-me dado conhecer os aspectos mais intimos de sua vida, no recesso do lar, onde o homem apparece tal qual é. Gabriel Prestes foi um modelo como filho e como esposo. Ha cousas, porém, que não são feitas para a luz da publicidade.

Sua habitação, aliás, é um symbolo expressivo,

Quem a vê hoje, immersa num silencio profundo, as portas cerradas, as persianas corridas, comprehende que a alegria e a felicidade dahi foram prescriptas, talvez para sempre.

A tristeza que dalli resumbra não fica, porém, confinada no circulo estreito da familia. Ella se propagou aos arraias daquelles que foram seus companheiros de armas e que d'elle recebiam, a cada passo, vozes de incitamento e de coragem.

Já não existe Gabriel Prestes!

O vacuo é immenso!

A's esperanças de outr'ora succederam a incerteza e o desalento dos dias que correm.

A época memoravel de Cesario Motta e Gabriel Prestes ficou além nas brumas indecisas do passado: foi um bello sonho que se dissipou.

A vida publica de Gabriel Prestes coincidiu com a época de maior esplendor do ensino em S. Paulo; o vacuo aberto pela sua morte representa, para a classe do professorado paulista, um expressivo expoente da sua grandeza passada.

Honra á sua memoria!

JOÃO L. RODRIGUES.

PEDAGOGIA

A COLLABORAÇÃO DA ESCOLA E DA FAMILIA NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

As Associações de Educação Familiar

Publicamos aqui a traducção do artigo do Sr. J. Renault, Inspector de Escolas Normaes, na Belgica, e que, sob o titulo acima, vem no n. 4.º de «L'E'ducation» de Março do anno findo.

Todo o nosso professorado conhece os grandes embaraços, as serias difficuldades que, no desempenho de sua missão, resultam da completa falta de uniformidade de vistas e convergencia de acção entre o lar e a escola, lacuna essa extremamente sensível e cujas consequencias são, por vezes, deploraveis.

Julgamos que os nossos professores poderão tirar algum proveito do presente trabalho e que cada um delles, na respectiva esphera de acção, deveria dar alguns passos, a titulo de experiencia, no sentido de dar solução a tão importante problema.

**A familia,
muitas vezes,
compreende
mal o papel
exacto da es-
cola e
do professor**

A missão da escola e dos professores, dos primarios principalmente, é em geral encarada pelos paes de dous modos muito diferentes e erroneas.

Uns, numerosissimos, crêm que desde o dia feliz em que confiam o filho á escola, estão absolutamente livres de seus deveres e de sua responsabilidade de educadores: é, dóravante, unicamente á escola que cabem esses deveres e essa responsabilidade.

Tal concepção do papel e poder da escola constitue o que poderiamos chamar o *erro popular*, por se achar propagado principalmente entre o povo. Outros paes, fazendo o contrario, attribuem á escola um papel muito menor: Julgam que o direito e o pöder de educação (esta comprehendida no sentido restricto de educação moral) só pertencem a elles proprias e,

caso tenham convicções religiosas, aos ministros do respectivo culto. Segundo pensam, a missão da escola só pôde e deve ser uma simples missão de instrução e educação intellectual. E' um outro erro que qualificaremos, em opposição ao primeiro, de *erro burguez*, para indicar a camada social em que é encontrado.

Parece-nos que neste caso ainda verificámos a verdade do proverbio latino: «*In medio virtus*». A escola não merece nem aquelle excesso de honra nem esta indignidade. Sua missão não é tão absoluta nem tão limitada. Ella é um agente da educação, mas não é o unico.

Encontraremos professores imbuidos do que acabamos de chamar o erro burguez com relação ao papel da escola, professores convictos de que seu poder e dever limitam-se a missão acanhada de transmittir methodicamente a sciencia ás jovens intelligencias. Esses professores, digamo-lo a bem da verdade, constituem raras excepções entre o corpo do professorado primario belga.

**P derá a
criança de 7 a
12 annos
receber verda-
deiramente
educação
moral?**

Eis, porém, que psychologos, tomando como conclusões definitivas certas hypotheses que a psychologia experimental ainda procura verificar, ousam declarar que a escola primaria é radicalmente incapaz de exercer a menor influencia sobre a formação do moral da criança, sobre o *fabrico de alma*, segundo a expressão de Sabatier. Baseiam esta these sobre razões de feição sciencia-

tifica: affirmam que no cerebro da criança, os centros de associação, os primeiros, só principiam sua formação aos seis ou sete annos, attingem algum desenvolvimento entre doze e quinze annos e chegam ao seu completo desenvolvimento aos trinta e dois. E' sómente nessa idade que as idéas superiores de dever, de justiça, de honra e de moralidade podem existir em toda sua clareza e sua força. Em qualquer condição as crianças são *physiologicamente* incapazes de adquirir taes noções moraes: é, pois, trabalhar em pura perda, o querer despertar, nas almas juvenis, concepções que lhes são essencialmente inacessiveis, e o professor primario que teimasse em formar o senso moral de seus discipulos, condemnar-se-hia a um deprimente trabalho de Sisypho. Ainda mais, sua acção, em completa opposição ás leis da biologia, seria nefasta, visto que chegaria a debilitar as psychicas, por nutri-las sómente com alimentos inassimilaveis.

Será necessario refutar tal theoria contra a qual protesta a experiencia pessoal de cada um, a experiencia profissional dos mestres, a historia de todos os partidos que disputam a honra de presidir aos destinos dos povos, emfim todos aquelles que, até agora, foram considerados os mestres da educação?

**A possibilida-
do da edu-
cação moral
da criança é
provada pela
experiencia
pessoal
de cada um de
nós**

cujos actores foram crianças ou adolescentes?

**Pela exp-
riencia dos
professores**

Por diminuta que seja sua experiencia pedagogica, que professor não estará convencido da responsabilidade moral de seus jovens alumnos, responsabilidade, em certos casos, nitidamente estabelecida? Existem, talvez, entre esses alumnos, infelizes sobre quem recae a pesada carga de uma hereditariedade abominavel, aleijados moraes que não podem discernir o bem do mal, ou mesmo o permittido do prohibido: mas, ao lado desses psychismos doentios, quantas jovens almas em que um professor primario poderá provocar, gradativamente, o desabrochar das responsabilidades moraes!

Ah! sem duvida, esse professor não quererá estabelecer, por meio de algarismos, a que gráu de responsabilidade chegaram seus alumnos: acha-se incapaz de traduzir essa responsabilidade em centímetros ou grammas; si for dotado, porém, de senso critico-profissional, saberá distinguir a capacidade moral de seus alumnos, e inspirar-se-ha da diversidade das responsabilidades, quando tiver de reprimir desvios de conducta ou recompensar o merito pessoal.

**Pelas luctas
dos parti-
dos politi-
cos em tor-
ne das esco-
las prima-
rias.**

Não será a historia dos partidos politicos uma prova convincente da possibilidade de moralizar a criança, alumnos da escola primaria? Não será no campo do ensino primario que os partidos se degladiam mais encarniçadamente? Para que essa energia irreductivel na lucta, si tal ensino permanecesse fatalmente sem echo na alma dos pequeninos? Ah! é que todos os partidos comprehenderam que a criança é o futuro, a esperança

das idéas e das doutrinas, o seguro penhor de sua perennidade e que a escola, enfim, é a officina onde se forjam os caracteres que, d'ora avante, não mais soffrerão modificações essenciaes no longo caminho da vida.

Pela unanimidade dos grandes educadores. E, além disso, não são unânimes os grandes educadores, os que passaram a sua vida prescrutando os escaninhos da alma infantil, que observaram essa alma em suas manifestações sensíveis, que guiaram ou acompanharam numerosas crianças através da vida, podendo assim julgar experimentalmente do poder da primeira educação, não são unânimes. dizemos, em proclamar o immenso poder dessa educação? Vinte ditos typicos, neste momento, nos acodem á lembrança, vinte citações comprovantes achariam lugar aqui. E' Quintiliano, professando que «as impressões são tanto mais profundas e decisivas quanto o coração é mais virgem»; Erasmo, declarando que «a educação é começada pela ama, si esta usar de meios carinhosos no preparar a criança para a virtude e o saber»; Montaigne, achando «que nossos maiores vícios se formam desde a mais tenra infancia e que o nosso principal governo está nas mãos das amas»; Fénelon, ensinando que «as inclinações mais fortes são as adquiridas na primeira infancia»; Pestalozzi, assegurando que «a vida moral desperta na familia, antes da idade escolar»; João Paul Richter, dizendo que «as cousas santas tomam raizes principalmente na idade da innocencia».

Eis Bernardo Perez, o cuidadoso observador das jovens almas, que não julga exaggerar dizendo que «os factores mais possantes de nossa sensibilidade affectiva são as vozes dos primeiros educadores de nossos primeiros annos». Ainda diz o mesmo que «uma criança perdendo sua mãe aos oito annos e sem pai aos quinze não teria sido verdadeiramente orphão». E' G. Compayré, o eminente inspector geral da Instrucção Publica, cujas obras são auctoridades, dizendo no seu livro «Educação intellectual e moral» que «a influencia da familia é preponderante na formação da moralidade». Henri Joly, por seu lado, proclama que «uma familia fraca ou dissoluta, em toda a extensão da palavra, é a origem da grande maioria das mocidades culposas».

A doutrina que nos apresenta a criança como physiologicamente incapaz de attingir a menor moralidade, não se mantém deante do exame dos factos e das multiplas verificações da experiencia. Tal doutrina, accета e posta em pratica, levaria a educação moral directamente á fallencia.

Impertancia da primeira educação moral. Não é sómente aos adolescentes de quinze, aos moços de vinte e cinco ou aos homens de trinta e dous annos que podemos falar de honra, de dever, de virtude, com probabilidade de exito; desde tenra idade a criança pode ser preparada para o exercicio da virtude e é então que, para ella, se lançam os alicerces, raramente abalados, da vida moral. E' uma criatura dominada pelo habito e, nascendo este do primeiro acto, sua vitalidade é maior quanto menor a idade do individuo que age. (1) Joseph de Maistre dizia: «O que chamamos o homem, isto é o homem moral, pode estar formado aos dez annos, e si o não tiver sido sobre os joelhos de sua mãe, será sempre uma grande infelicidade». Líamos outr'ora no *Trigo que cresce* «Onze annos não formam um homem; mas apontam lhe o destino, formam o irrevogavel». E' no vertice do angulo que se mede a abertura, é na semente que está o valor da arvore» nota o P.^e Sertillanges.

E já que chegamos a invocar a opinião de um romancista, seja nos permittido ainda transcrever uma palavra de mais um, por estar impregnada de bom senso.

«Ornae e perfumae a alma das crianças, diz Jean Aicard. A flor do mal é vivaz. Sua semente, sempre prompta a germinar, viaja sobre a aza subtil do vento, como pennacho do cardo, esse germen que fluctua, pennugento e branco e que as crianças chamam de anjo. Dizem correntemente: «As crianças não comprehendem» ou então «podeis falar, a criança não ouve. Só pensa em brincar». E' engano. A criança espreita o espectáculo da vida; entende perfeitamente que se lhe escondem muitas cousas e procura comprehende-las. Não deixeis nunca ao seu alcance as que poderiam prejudica-la. Uma palavra feliz pode predispôr, de modo indestructivel, uma alma juvenil á confiança, á probidade e á felicidade; uma palavra infeliz pode destruir para sempre sua alegria. E' isso muito simples e muito

(1) E' evidente que no principio da vida a criança age sem responsabilidade moral e é mui justamente que disseram, com relação aos primeiros annos da infancia: «A obediencia é a moralidade das crianças». Não queremos determinar com precisão o momento em que a responsabilidade moral desperta das almas intantis: podemos, entretanto, accетar o seguinte juizo de A. de Margerie: «Durante o primeiro período que vai mais ou menos, até sete annos, a criança não se apposa de si mesmo e só é entidade moral em germen e esperanza; soffre as influencias internas de seus instinctos e as influencias externas da educação sem comprehender bem nem estas nem aquellas; não calcula reflectidamente, não pesa suas revoltas nem sua obediencia. Bem educar uma alma collocada em taes condições, não é emprender dar a seus actos um valor moral que só a razão e a liberdade, nesse período ainda adormecidas, poderão communicar-lhe mais tarde: é inculcar-lhe bons, rectos habitos, ora lutando contra os seus instinctos de egoismo, ora accrescentando ás suas boas inclinações o peso do exemplo e do commando, dos castigos e das recompensas; é cavar um leito á sua nascente actividade afim de que, collocada sobre um declive salutar, possa segui-lo mais facil e livremente quando tiver discernimento. (A. de Margerie, *De la famille*, pag. 221=224).

certo. Tal incuria na formação das almas dos pequenos é a causa de um atrazo immenso na marcha do progresso da especie humana.

Ação moral da escola Estamos muito longe da these que reputa impossivel a formação da alma da criança e declara a escola incapaz de exercer uma acção qualquer sobre a moralidade dos pequeninos. Sim, devemos crê-lo: durante a idade escolar, as crianças, longe de serem incapazes de receber uma educação moral, são, ao contrario, de uma sensibilidade extremamente delicada. O professor primario pelo seu ensino, pela disciplina a que submete seus alumnos, pelo seu exemplo emfim exerce sobre elles uma acção moral indissolavelmente ligado ao, exercicio de sua profissão e cuja extensão é immensa.

Immenso pode ser seu poder no sentido do bem, na ascensão de seus alumnos para a virtude, si o seu zelo fôr ardente e si nenhuma outra influencia contra balançar a sua, porque a escola, como já dissemos, não é o unico facto da educação.

Ação moral da familia Antes que o pequeno venha á escola para dissipar as trevas de sua ignorancia, soffreu, e continuará a soffrer durante todo o tempo que se sujeitar, mais ou menos docilmente, ao regulamento escolar, a influencia profunda de sua familia.

Os parentes, queiram ou não queiram, incommodando-os isso ou não, são os constructores do valor moral de seus filhos. Neste ponto ainda poderíamos invocar a experiencia de cada um de nós e a dos pedagogos os mais illustres. Transmittindo, a vida, os paes tambem transmittem disposições moraes. Não nos lembramos mais quem escreveu: «A educação de uma criança principia do nascimento de seu avô». Tal dito parece pilherico, mas sob seu aspecto paradoxal esconde uma incontestavel verdade, consoladora ou terrivel.

«A criança, diz justamente a Sra. Moll-Weiss, não é nem uma pagina branca nem uma taboa rasa: é um resultado, o ultimo élo de uma longa cadeia de vidas humanas. Não é uma folha limpa e nitida sobre a qual os paes escreverão á vontade, ella já está coberta de cerradas garatajas. Será preciso decifra-la, procurar apagar tudo quanto fôr máu, accentuar e completar o que fôr bom».

(1) atavismo não é, pois uma palavra vã, uma chimerica invenção do sonhador: é uma innegavel verdade. «Toda vida é, no principio, uma resultante: ella traz em si o peso de um passado que, em parte, lhe é facultado inventariar, mas que é obrigada a acceitar». Os paes, por isso, devem se convencer que

toda e qualquer victoria moral ganha sobre suas proprias paixões terá feliz repercussão na alma de seus filhos vindouros. E' ouro puro que accrescentam ao patrimonio da raça. (1)

Infelizmente porém, diz um proverbio inglez, toda a familia tem, alguma tara cuidadosamente escondida; as fraquezas e os vicios dos paes hypothecam tambem, pesadamente por vezes, a saude e a robustez moraes dos filhos. E a estas impressões que o atavismo deixou em traços mais ou menos nitidos na alma nova dos pequeninos, vêm juntar-se os traços profundos e indeleveis burilados pela educação familiar, consciante ou inconsciente.

Negar a acção exercida pela familia sobre a formação moral das crianças seria negar a evidencia. Nem se refuta tão extravagante negação.

A collaboração da familia e da escola Temos, pois, esses dous agentes de educação das criauças: a familia e a escola. Ha outros; mas queremos considerar aqui apenas estes dous principaes e estudar quaes os meios possiveis de coordena-las para os tornar mais fecundos.

Ha, frequente. monte falta de harmonia entre os dous Por mais extranho que pareça, essa coordenação é quasi inexistente. A escola ignora a direcção e a intensidade do esforço da familia e esta, geralmente, não se preoccupa com a acção educativa d'aquella. Por vezes, mesmo, a familia, não sabemos devido a que aberração, anniquilla resolutamente a acção bemfazeja dos mestres!

A educação dos antigos tinha sobre a nçssa a vantagem de nunca soffrer contradicta. Hoje recebemos tres educações diversas ou contrarias: uma ministrada pelos nossos paes; outra, pelos nossos mestres e outra, pelo mundo (2) Diz P. F. Thomaz (3). «Ouvi em meu gabinete uma mãe indignada cen-

(1) Não devemos entretanto exaggerar o alcance da hereditariedade. As tendencias diversas e as aptidões dos ascendentes neutralizam-se muitas vezes, além disso, cada criança é uma personalidade propria, uma actividade pessoal que rompe o determinismo hereditario e se levanta contra a fatalidade ethnica. «Não existe, disse Léon Daudet, uma lei da hereditariedade como existe uma lei de gravidade ou da queda dos corpos. Ha um facto: a herança physica e moral; ha, porém, um outro facto que é, com cada novo individuo, o nascimento de uma nova personalidade, distincta de seus ascendentes. E' absurdo dizer que um individuo ao nascer é apenas o resultado dos que o precederam, pois, eliminando sempre o ultimo termo do problema é procrastinar indefinidamente a respectiva solução. O «eu» existe com o primeiro sopro e quando esse novo ser pensa e age não é sempre em nome do «nós». A nova personalidade que apparece com cada criança traz ao contrario, uma esperança nova e uma força de vida que vae entrar em lucta, victoriosamente por vezes, com os principios das decadencias anteriores». (Léon Daudet—*Action Française*, anno IV, n. 361).

(2) Montesquieu, *Esprit des lois*, liv. IV. Citado por du Witt-Guizot, *Les Reflexions de M. Boulette*, pag. 125.

(3) P. F. Thomaz. *L'Education dans la famille*, pag. 47.

surar amargamente o filho por este não ter copiado em classe sua composição, podendo tê-lo feito, e ter perdido, desse modo, uma classificação excelente. Durante a diatribe o infeliz acusado, permanecia confuso diante de nós e, sem duvida devia dizer-se intimamente, como Hamlet, que é muito difficil saber onde está a verdade, quando temos nossa mãe de um lado e a consciencia de outro. Pela sua franqueza essa mãe era na verdade uma excepção bastante rara, mas quantas dellas, na vespera de um exame, sabendo que o filho, pela mentira e pela fraude, pode conquistar o successo, teriam o estoico heroísmo de o desviar disso?

Desde que a criança entre na escola, diz Kovistra (1), sua educação incumbe a dous grupos de pessoas: os paes e os professores. Devem trabalhar de commum accordo, para a educação moral no seu sentido mais amplo; são socios. Quando duas pessoas são associadas em uma empreza industrial, põem-se de accordo sobre os melhores meios de torna-la florescente; acompanham juntamente a marcha dos negocios; communicam-se suas intenções, suas observações, suas experiencias; procuram, em resumo, agir como uma só pessoa.

Podeis imaginar dous socios trabalhando em direcções oppostas? Um destruiria o serviço do outro com grande prejuizo da empresa.

Tanto mais é a empresa complicada, quanto mais é o trabalho difficil ou perigoso, e mais necessarias são as discussões que devem conduzir ao exacto conhecimento das cousas, ao accordo sobre a direcção do trabalho.

Quanto mais necessario não será o accordo dos associados quando se trata da formação da alma humana, cuja complexidade é tão grande?!

A cooperação dos paes e dos professores é, pois, uma necessidade absoluta. Ora, vejamos de que modo é ella realizada hoje.

A criança está em idade escolar. O pai ou a mãe levam-no para a escola (2). Outros pequenos ahí chegam como elle. O professor pergunta o nome, a data do nascimento, aceita o recém-chegado e ei-lo na presença de trinta ou quarenta segredos que procura desvendar.

Mas, perguntareis, os paes não puzeram então o seu socio ao par de seus negocios? Não o vão auxiliar com a sua experiencia de seis ou sete annos?

(1) Kovistra, Zedelijke opvoeding.

(2). Aqui, muitas vezes, a criança vai só! (Nota do traductor.)

Por extranho que isso seja elles não o fazem. Do outro lado, o socio, muitas, vezes, nada pergunta... o que é tambem extranho, só conhece o nome, a idade e o domicilio de pequenos seres que lhe são confiados. Principia a levantar uma ponta do panno que venda essas pequeninas almas; e, emquanto procura decifral-as ja deve começar a formal-as.

Devemos convir que esse trabalho ás apalpadellas e, feito em conjuncto, é muitissimo difficil, sendo multiplas as probabilidades de erros. O peor é que o professor nem sempre percebe esses erros.

Terminadas as aulas, voltam os alumnos para casa, o outro socio, o outro educador reassume sua tarefa, agindo unicamente segundo suas proprias vistas... quando as tem. Liga tanta importancia ao trabalho do mestre como este aos esforços da familia.

E admiram-se, por vezes, da fallencia da educação escolar!

«O pobre professor, como já dissemos (1), Messias de quem tudo esperamos, não é responsavel pela esterilidade de seus esforços. Encontra-se deante de seus alumnos em identica situação a de um medico a quem dez, vinte, quarenta pessoas dissessem: «Estamos doentes, curae-nos», recusando determinar a séde de molestia, descrever os respectivos symptomas e que, em logar de o ajudar, esforçam-se por engana-lo!

A comparação parece absurda por ser verdadeiramente chimerica a segunda parte. E' entretanto notavelmente justa, visto mostrar, infelizmente, a flagrante realidade.»

Para assegurar uma collaboração intelligente, leal e constante dos paes e dos professores, alguns destes e varios pedagogos preconisaram a assignatura quotidiana dos paes no "Diario de classe" das crianças. Tal assignatura, dizem elles, obriga os paes a verificarem o andamento dos estudos e da educação de seus filhos.

Vimos experimentar esse systema e... nada produziu, salvo talvez o descontentamento de certos paes que resmungavam contra... a mania maçadora do mestre! E' que o uso fecundo do boletim quotidiano suppõe resolvido o problema que procura justamente resolver. A familia, com effeito, só prestará seria attenção ás notas do "Diario de classe" si comprehender a acção que pode exercer por meio de uma educação racional.

(1). Etudions l'enfant, pag 23.

Ora, acreditamos que a família, em regra geral ignora seu poder de acção e os meios de que deve lançar mão para torna-la fecunda.

Aliás, como teriam os paes consciencia de seu poder educador? Como poderiam emprega-lo judiciosamente? Quem os iniciou no desempenho racional de seus deveres educadores? Emquanto não fôr vencido o deploravel preconceito que exclue de quasi todos os programmas escolares as noções de pedagogia materna, as de educação familiar; emquanto os parentes forem educadores, forçadamente *improvisados*, (1) obrigados pelas sua incapacidade, a trilharem o caminho da rotina, experimentando, titubeantes, methodos de cujo valor não podem avaliar; emquanto durar essa perigosa situação, a educação será condemnada a ficar alojada nos estreitos e artificiaes limites do "*como sempre*"; as crianças, coitadas, serão modelados segundo o typo tão defeituoso do "*como todo o mundo*" "esse idiota todo o mundo" segundo o dito de Veillot.

O verdadeiro remedio: as Associações de Paes.

E' por isso que estudando, ha tempo, a questão da collaboração da escola e da familia, questão essa que hoje constitue uma das principaes preocupações da escolas primarias, concluimos que era necessario vulgarisar os principios da educação racional das crianças pela criação das «Associações de Paes» ou da «Associação de Educação Familiar».

(Continúa).

(1). «Como pode este pai de familia, mesmo pertencendo á classe dirigente, conhecer o dever da educação ja que nada o preparou para desempenha-lo? Perguntae lhe o que fez para educação de seus filhos? Responder-vos-ha que os entregou a mestres, experimentados que se encarregam de a instruir — Antes d'isso? Antes, estavam confiados a uma governante. — Antes d'isso? — Estavam entregues ás creadas. — Antes d'isso? — Antes d'isso? Arre, vamos parar! Estavam nos braços das amas. Insisti e perguntar-lhe mais: Que parte tomastes na educação de vossos filhos, desde então até hoje? — Que quereis dizer? Será meu o papel de criar os filhos? Não é de minha competencia? Sé ainda insistirdes elle daria a entender que não lhe é possível occupar-se como essas cousas: seus deveres professionaes conservam toda a sua actividade, ou então pesquisas scientificas o absorvem, ou ainda a vida mundana e esportiva não lhe deixa um momento. Acrescentará que criar os filhos é a missão da Senhora e que esta desempeña cabalmente esse papel. A jovem esposa, em geral está melhor preparada para o seu papel de educadora, preencherá, porém essas falhas, pelos recursos de seu coração de mãe. Será ella culpada, aliás, se não conhece seus deveres?

— Não correspondeu por ventura, sendo moça, á expectativa de seus educadores? Queixou-se, algum dia, do que o tennis, a deixasse cansada? Recusou, em alguma occasião, ir ao theatro? Ter-se-hia furtado a occupações que lhe apresentaram como sendo serias? Nunca. — Ella soube fazer algum trabalho de mão, interpretar os mestres de canto e do piano, cultivar, até, um talento muito agradável de pintura. Pedem, por acaso, alguma cousa mais á maioria das moças? Absolutamente não». (H. Delvaux de Feuffe, *Compte rendu du premier Congrès International d'Education familiale*, pg. 52—53).

Como conseguir e conservar a attenção

CAPITULO VII

METHODOS DE CONSERVAR E ESTIMULAR O DESEJO DE SABER

(Continuação)

Alguem chama uma criança uma «machina interrogativa». Realmente o appetite de conhecimentos com que a natureza a dotou é um appetite voraz, e difficil de satisfazer. Alguns escriptores sustentam que é o dever da escola por em movimento mental a criança, para que seja educador proprio quando deixa a escola.

Si os alumnos deixassem a escola numa condição tão educativa de si como quando entram, haveria menos razão de queixa do que agora. A criança começa a frequentar a escola com muito pouca idade, e durante alguns poucos annos continua a se desenvolver muito rapidamente. Poucas crianças nos primeiros annos são estupidas. A maioria das crianças fazem progressos notaveis até o dia em que entram na escola. Então vem demasiadas vezes um periodo de estagnação da qual muitos nunca sahem. Methodos improprios são demasiadas vezes a causa da mudança desaminadora.

Os pontos seguintes merecem consideração dos professores de classes primarias.

1 — A transição da casa para a escola deve ser mais natural

A criança, quando entra numa escola commum, passa de uma liberdade comparativa para a detenção e constrangimento; da liberdade de pular para a tranquillidade fastidiosa; das cousas actuaes para as abstracções sem interesse; de flôres, passaros, e cousas predilectas para meros signaes pretos chamados letras, em que por si não pode ter um interesse activo; do brinqueado para o trabalho; da attenção instinctiva para attenção compulsoria; do ar fresco e do sol para uma má e imperfeita ventilação e luz muitas vezes prejudicial; da collina coberta de musgo para o banco duro e mal feito.

Onde se pode introduzir o jardim da infancia, serve para tornar os passos graduaes na mudança de casa para a escola.

A escola ainda precisa ensinar muitas cousas da casa e do jardim da infancia. Os professores precisam estudar mais a criança antes que entre na escola, e devem seguir mais de perto os methodos de educação propria praticados pela criança, quando se acha em liberdade de seguir a direcção da natureza.

2 — *Deve-se servir dos conhecimentos a medida que os adquira.*

As crianças delicias-se em contacto com cousas de que se podem servir. Interessam-se nas cousas que fazem. Isto mostra-se nos primeiros annos.

A criancinha, quando apprendendo a falar, nomeia os animaes domesticos pelos sons que fazem. Chama o cão de «uau-uau», e o gato de «miau». Isto é verdade si fôr mais difficil ou menos difficil de dizer o nome do animal do que de produzir o som. Emquanto faziam progressos tão rapidos em saber e desenvolvimento mental em casa, faziam-no lidando com as cousas ao redor dellas, e servindo-se de seu saber tão rapidamente como o adquiriam.

Que mudança quando entram na escola! Muitos mesmo da classe pensadora de professores deliberadamente invertem este plano. Raciocinam mais ou menos deste modo: «Estas crianças ainda não podem fazer muito trabalho actual, e assim vamos poupar tempo tornando agora o trabalho fastidioso.» Por conseguinte são mandadas aprender todas as letras antes que comecem a ler, toda a taboada antes de se servir della, etc. E provavel que as letras e a taboada de multiplicação tenha feito mais para tornar os meninos e as meninas estupidos do que quaesquer cousas. Meninas e meninos podem trabalhar, e pelo trabalho não sómente aprendem a trabalhar melhor, mas familiarizam-se com os elementos do trabalho que estejam fazendo.

Mesmo que se empreguem o peor de todos os methodos de ensinar os nomes de palavras, alphabetico, seja empregado, não se deve ensinar sinão as letras empregadas na primeira pagina do livro. A criança deve aprender a taboada da multiplicação, por exemplo, ao mesmo tempo que a emprega, e assim a aprenderá com prazer... Aprender e empregar vão de mãos dadas. A applicação pratica é o mais elevado e mais efficiente meio de revisão. Um alumno aprenderá a taboada de «dois» até duas vezes quatro em quatro minutos, mas provavelmente a esquecerá em uma hora, si lhe não fôr permittido applicar o conhecimento que conseguiu.

Porque não lhe ensinar o processo de multiplicar de uma vez em mais cinco minutos, e mettel-o a trabalhar?

«Oh, a criança nunca deve multiplicar até saber a taboada!» dizem alguns. Pergunto si o estudo da taboada de multiplica-

ção qualifica uma criança para a comprehensão do processo de multiplicar. Certamente que não. Mas a criança que fôr ensinada até duas vezes quatro, sabe a taboada até o ponto necessario para pô-la em pratica.

O professor pode dar alguns exemplos com o unico multiplicador 2, e sómente 1, 2, 3, e 4 como no multiplicando. Aproveitará em effectuar os mesmos exemplo duas ou tres vezes. No dia seguinte deve-se adiantar um pouco a taboada e praticar muito as duas lições, e assim por diante até o fim.

Este methodo não será uma fonte de horror para os alumnos mas uma fonte de prazer, porque se servem de informação ao mesmo tempo que a adquirem.

Si um aprendiz, ao entrar em uma officina de machinas, fosse obrigado pelo contramestre a gastar mezes em aprender os nomes das varias machinas e suas diferentes partes, suas relações umas com as outras, seus usos etc, um tal curso o tornaria apto a tomar conta de uma unica machina? A probabilidade é que, muito antes do tempo especificado, em trabalho de aprender, que ao começo o fascinava, se tornaria odioso, e com a perda de interesse se tornaria completamente incapaz de um alto grau de perfeição no seu trabalho. Entregue a um homem pratico de qualquer departamento de trabalho, deve começar com os utensilios e as machinas mais simples, e aprende como se servir delles empregando-os.

Outros lhe são confiados, logo que estiver prompto para manejal-os.

Os professores devem ser razoaveis familiarizar os seus elementos com os elementos que tem de empregar. As letras, as taboadas, as regras de grammatica, etc. são meros elementos com que a criança deve ser entregue sómente quando podem servir-se delles. Na geometria, por exemplo, definições, axiomas, e postulados devem ser ensinados quando se tornam necesarios para capacitar o alumno a vencer uma difficuldade que encontre no seu trabalho. Elle se interessará em uma definição logo que se torne consciente da cousa a se definir, e logo que realize claramente a necessidade da definição pelo uso que tem de fazer della immmediatamente.

3 — *O trabalho da escola deve ser agradavel.*

Si o desejo de saber tem de se conservar vivo e vigoroso, si tem de sobreviver atravez dos primeiros annos, o trabalho escolar precisa se tornar attractivo.

Herbert Spencer diz que, de todas as mudanças que se fazem na educação, o mais signifiante é o desejo crescente de tornar a aquisição de conhecimentos agradavel antes de que

dolorosa — um desejo baseado na concepção mais ou menos distincta, que em cada idade a acção intellectual de que uma criança gosta, lhe é benéfica, e inversamente.

Ha uma opinião crescente que o desenvolvimento de um appetite para qualquer especie de conhecimentos implica que o espirito que se acha em um estado de desenvolvimento já se tornou apto a assimilar-os e precisa delles para os fins de desenvolvimento; e que, do outro lado, a má vontade que se sente para qualquer especie de conhecimentos é má signal que foram ou apresentados prematuramente ou por uma forma indigesta. D'ahi os esforços para tornar a primeira educação divertida, e toda educação interessante, como prova final, pela qual se possa julgar qualquer plano de cultura, deve responder á seguinte pergunta — Cria ou não uma sensação de prazer nos alumnos? Loche diz: «E' contrario ao estado natural da meninice fixar os seus pensamentos fugazes. Seja isto devido ao temperamento do cerebro, ou á vivacidade ou instabilidade do ser animal, sobre que o espirito ainda não conseguiu o dominio completo; é visível que as crianças custam a conservar os seus pensamentos fixos em qualquer cousa. Uma attenção prolongada é uma das tarefas mais duras que se pode lhes impor; e, portanto, aquelle que necessita de sua applicação deve procurar tornar grato e agradável o que propõe. Si ellas não se chegam aos livros com alguma especie de gosto, não é para admirar que se afastem perpetuamente do que lhes desagrada; e que procurem melhor entretenimento em objectos mais attrahentes». Despreze-se todo systema de instrucção primaria, por mais acceito e em conformidade com a theoria, si não tornar as lições attractivas.

Com crianças de mais idade é preciso passar gradualmente da attenção instinctiva para a attenção dirigida.

E' muito desejavel que professores evitem qualquer curso de acção que tenha tendencia a tornar o trabalho de aprender desagradavel. Si os homens têm de ser educadores de si quando sahem da escola, devem ter amor ao saber em todo caso não devem lhe ter aversão.

Nunca se deve marcar lições como castigo.

Os alumnos podem ser obrigados a fazer, depois da aula ou em casa, um trabalho que deixaram de fazer na occasião propria. Isto, porém, não é castigo de negligencia, mas cumprimento de um dever que se deve ter feito antes.

4 — Os exercicios escolares devem ser, quanto possivel, variados.

Naturalmente os programmas dos estudos devem ser fixos, e o horario cumprido com regularidade. Isto é necessario para conseguir trabalho systematico, e para distribuir o tempo da es-

cola igualmente entre os differentes assumptos. O plano, porém, de apresentar um assumpto deve se mudar.

Deve-se introduzir cada dia algum elemento novo.

No ensino da geographia, por exemplo, pode-se empregar mappas, no dia seguinte o quadro negro e as lousas e no terceiro dia a caixa de areia; hoje o professor apontará para os logares que deseja que sejam lembrados e os alumnos dirão os nomes e acharão os logares no mappa. O plano deve ser variado mesmo durante a mesma lição, até certo ponto.

Para não dissipar a attenção, não pode haver variedade demasiada. A novidade estimula a actividade mental, a rotina a amortecer.

5 — A curiosidade da criança deve conservar-se viva.

Algumas classes estão sempre em ponto de expectativa. O professor que puder conseguir uma tal condição na sua classe terá certeza de ter alumnos attentos. A aptidão natural em um professor tem valor em estimular a curiosidade dos alumnos.

O poder de a manter, porém, tem de se adquirir. Os alumnos não se contentarão muito tempo com frivolidades. O professor precisa se preparar para satisfazer o appetite que elle procura desenvolver.

Precisa ser familiar com os assumptos que tem de ensinar; precisa conhecer a fundo tudo que tem relação com elles em conexão com os acontecimentos correntes.

Hart diz com muita felicidade: «Para ensinar bem e com exito, é preciso que haja duas cousas, a saber: a habilidade de segurar o espirito das crianças, e a habilidade de derramar no espirito assim apresentado uma instrucção sã e apropriada. Faltando esta ultima habilidade, o alumno vae embora com o cerebro vazio; faltando a primeira, tudo será em pura perda».

6 — As lições dadas e os assumptos ensinados devem ser adaptados ao adiantamento dos alumnos.

Si as lições forem difficeis demais, o alumno naturalmente se desviará dellas, primeiramente desapontado, depois com aborrecimento. Os assumptos precisam ser apresentados de uma maneira apropriada á idade do alumno. Alguns dos estudos mais interessantes tornam-se fastidiosos permanentemente por methodos improprios de os ensinar a crianças no começo.

Por exemplo, no ensino de uma lingua estrangeira, ou de grammatica de nossa propria lingua, regras difficeis e sem interesse, com excepções embaraçadoras da regra geral, são decoradas e recitadas, e o professor (além deste inconveniente) en-

gana os infelizes alumnos fazendo-os acreditar que tal trabalho fatigante é aprender uma lingua ou grammatica. Naturalmente, na maioria dos casos, associam os sentimentos desagradaveis que recebem na escola com estudar e aprender no abstracto, e portanto ficam com um enjoo do proprio saber. Que os methodos e os assumptos sejam apropriados á idade dos alumnos, e o seu amor do saber continuará.

7 — *Os passos para aprender não devem ser grandes de mais.*

Si o desejo de saber tem de se manter, o alumno precisa poder ver claramente como uma parte de um assumpto se liga com outra. O passo a dar deve se basear naquelles já estabelecidos, e o professor deve lembrar-se que aquillo que lhe parece um montesinho pode ser uma grande montanha para os alumnos.

Em aprender a subir, os proprios alumnos precisam dar os passos necessarios. O professor apresenta as dificuldades para que os alumnos as vençam.

Elle não deve levantar e passar os alumnos por cima das dificuldades que elles mesmos possam vencer com os proprios esforços. Cada esforço feito e mais poder de fazer outro semelhante, tambem uma tendencia maior de o fazer. E' da maior importancia, portanto, que os alumnos não sejam desaminados por ter de dar passos grandes demais para a sua força mental.

O melhor professor é aquelle que mais claramente se lembrar de suas proprias dificuldades em aprender.

8 — *As lições não devem ser compridas demais.*

Isto é verdade quanto ás lições marcadas para serem preparadas em casa. Lições prolongadas na escola cançam o espirito; lições compridas aprendidas em casa cançam o espirito e o corpo.

Quando aprender torna-se uma tarefa, necessariamente deixa de ter attractivo por si.

Não deve surprehender que sob taes condições as crianças percam a sua anciedade natural de saber.

Si as suggestões dadas forem seguidas com o devido espirito, meninos e meninas continuarão a ser — «machinas interrogativas» — durante toda a vida.

(*Continúa.*)

V4
1913

EM CLASSE E PARA CLASSE

O ensino da lingua materna

Si, como diz notavel escriptor, a lingua é o deposito de todos os pensamentos de uma nação; si é nella que se concretisam as idéas de todos os homens que nos antecederam; si, quando queremos ter conhecimento dos sentimentos que os animaram, das concepções que se produziram no seu espirito e mesmo da ordem segundo a qual ellas se desenvolveram, — é na lingua que devemos ir estudar e conhecer tudo isto, é logico que o apprendizado firme e consciencioso da lingua se torna de real e indiscutivel importancia.

O apprendizado da lingua materna é a base mais solida e indestructivel para uma boa educação primaria, e, no dizer do B. Berger, este apprendizado que começa, no lar, desde o instante em que a criança principia a falar e, na escola, desde o momento em que ella alli se apresenta para aprender a lêr, fórma a base angular desta educação, sobre a qual vão assentar todos os outros estudos.

Considerada mesmo sob o ponto de vista puramente utilitario, é notavel ainda a grande importancia deste ensino, pois, é com o auxilio do perfeito conhecimento da lingua materna que transmittimos os nossos e recebemos os pensamentos dos outros, tornando-se, por isto, para todo o homem, qualquer que seja a sua posição — quer se saliente nas culminancias do poder, quer se occulte na obscuridade das mais humildes camadas sociaes — preciso e indispensavel que elle não se faça estrangeiro em sua patria, que ahi não fique como que desnaturalizado pela ignorancia completa da lingua materna; é de rigor, e isto mesmo em seu proprio beneficio, que elle possa, intelligente e claramente, externar os seus pensamentos na lingua de seu paiz, tornando-se, assim, apto e capaz de bem comprehender aquelles cujo destino segue e compartilha.

Além destas considerações, que tão justamente acadinham a maxima importancia do apprendizado da lingua materna e que só por si seriam de molde a justificar plenamente o grande e

louvavel interesse que felizmente hoje se liga, em nossos estabelecimentos primarios, ao intelligente cultivo da lingua materna, cujo ensino agora se ministra por nma methodização firme, segura e conscienciosa, devemos ainda considerar que, como diz o escriptor citado, o bom apprendizado da lingua desenvolve poderosa e effizazmente todas as faculdades da intelligencia, nenhuma deixando sem proveitoso exercicio.

Não sendo o fim da escola primaria tão sómente ensinar a lêr, indo bem mais além a sua nobre missão, é com a sua primeira lição de leitura que a criança deve ser iniciada no perfeito conhecimento da lingua materna, pois, o saber lêr simplesmente não é ter conhecimento da lingua em que se lêr. Assim, é preciso, é indispensavel que, á proporção que a criança vai apprendendo a lêr, vá tambem adquirindo uma somma de conhecimentos da lingua que a habilitem á intelligente comprehensão do que está lendo, que a tornem capaz de manifestar, pela linguagem oral ou escripta, correctamente, os seus pensamentos e, tambem, para que possa comprehender bem e justamente os pensamentos dos outros.

Não basta que a criança leia bem e *bonito*; é de rigor que, por um seguro conhecimento da lingua materna, ella fale e escreva bem e que maneje a lingua, senão impeccavelmente, ao menos com regular desembaraço e perfeição. Eis a nobre missão da escola: não ensinar a lêr simplesmente, *mecanicamente*; mas, dar ás crianças que a frequentam um regular, senão perfeito conhecimento da lingua, pondo-as em condições de se exprimirem clara e facilmente, empregando expressões proprias; de construir phrases intelligiveis, numa palavra — de externarem nitidamente os seus pensamentos, de manifestarem, em linguagem correcta, as suas impressões. «Uma criança não conhece a sua lingua quando não sabe servir-se della para todas as necessidades da vida».

Uma das condições primordiales para um perfeito e consciencioso ensino da lingua são, certamente, os bons livros. Sem o concurso destes indispensaveis auxiliares, não poderá haver, neste terreno, esforço que victorie, nem dedicação que produza resultados proveitosos.

Felizmente, porém, graças ao esforços e á boa vontade de collegas estudiosos e trabalhadores, a nossa bibliotheca escolar está hoje enriquecida de livros conscienciosa e intelligentemente arranjados para o mais perfeito ensino da lingua, verdadeiramente nas condições de attender aos mais exigentes preceitos pedagogicos que precisam e devem ser observados na feitura de livros que se destinam ao ensino da lingua materna.

Si, como dissemos, o apprendizado da lingua materna deve começar na escola, com as primeiras lições de leitura, é in-

discutivel que a escolha de bons livros precisa ser a mais criteriosa possivel, havendo cuidado de adaptar-se o livro ao desenvolvimento intellectual da criança e não forçar esta áquelle.

Não se lhe devem, pois, pôr em mãos senão livros apropriados, na conformidade com a sua intelligencia, num estylo ao seu alcance, tratando assumptos que a possam interessar e que de alguma fórma lhe sejam mais ou menos familiares e conhecidos.

Seria acertado e logico que em mãos de crianças que apenas acabam de se exercitar na leitura do «Meu Livro» ou mesmo na das «Leituras Preparatorias», se puzessem selectas ou collectaneas, por melhores que fossem, mas escriptas para uso de alumnos de curso secundario e que já despõem de relativo cultivo e desenvolvimento intellectual? Não, por certo. Seria falta de criterio.

Em taes livros aquellas crianças apenas poderiam, e isto mesmo com certa difficuldade, fazer exercicios de leitura, mas nunca se apparellhar para o conhecimento da lingua materna, pois, para isto, se faz mistér que o livro, além de ser bom, esteja escripto em linguagem tal, que a criança, sem muito esfoço de sua parte, possa entendel-o e, por seu intermedio, ir, aos poucos, augmentando e enriquecendo o seu vocabulario.

Si, porém, a missão das nossas escolas, quanto ao conhecimento da lingua, se limitasse tão sómente a ensinar a lêr, se não mais nobre e elevada devesse ser a preocupação do professor, não haveria, talvez, grande inconveniente em que á leitura daquelles primeiros livros se fizesse seguir a das selectas ou collectaneas a que nos referimos, pois, tambem, nestas, a criança poderia proseguir os seus exercicios de *simples* leitura, poderia tambem, embora com mais trabalho, aperfeiçoar a sua leitura... *mecânica*.

Como, porém, o fim da escola é, como já o dissemos, ensinar a lêr e dar ao mesmo tempo á criança, *pari passu*, o conhecimento da lingua materna, é de todo o ponto preciso que a successão dos livros siga, na sua difficuldade crescente, o desenvolvimento gradativo da intellectualidade da criança.

Dar a crianças, cujo desenvolvimento intellectual como que se inicia, por mais notavel, que seja a sua applicação e vontade de aprender, livros escriptos em linguagem fórte, fóra de seu alcance; faze-las applicar o seu esforço e sêde de saber em leitura e comprehensão de escriptos só destinados a alumnos de curso secundario ou superior, «faz lembrar infelizes aos quaes, para matar a fome se dessem pedras»...

Assim, dentre os bons livros de leitura que guarnecem a nossa bibliotheca escolar, onde se encontram trabalhos excellentes, que se adaptam aos alumnos das differentes classes em

que se acha dividido o ensino, selecione o professor os que julgar melhores; feito isto, separe ainda os que possam servir com vantagem e proveito ás diferentes edades e adiantamentos dos seus alumnos.

A escolha dos bons livros de conformidade com o gráu de desenvolvimento intellectual das crianças é condição primacial para um seguro e consciencioso apprendizado da lingua.

* * *

Escolhidos criteriosamente os livros e iniciado por elles o ensino propriamente de leitura, inicia-se simultaneamente o ensino da lingua materna.

E', preciso, para a consecução desta segunda parte, obrigar a criança a falar, a falar sempre, para que ella se vá, desde então, se adestrando em exprimir-se com certa correcção, a manifestar clara e nitidamente os seus pensamentos. E' preciso que ella não se habitue só a ouvir, só a escutar o professor falar, o seu papel em aula não deverá ser o de uma passividade quasi improductiva, é preciso e indispensavel que ella seja exercitada na linguagem oral.

Obriguemo-la, pois, a pensar, a reflectir e a falar.

Conversando com o professor, questionando este com ella, procurando leva-la a pensar maduramente sobre as perguntas ou questões que lhe forem na occasião apresentadas, a criança forçosamente irá se adestrando na conversação, irá aprendendo a falar correciamente, ao mesmo tempo que, sem que o sinta, irá tambem aperfeiçoando o seu vocabulario que, ao principio muito limitado, quasi nullo, se irá diariamente avolumando e enriquecendo com o conhecimento de novos termos.

No correr de todas as aulas, jámais perca o professor a occasião que se lhe apresente de fazer a criança falar, tendo porém o cuidado de deixar que ella use francamente da sua linguagem propria, para só depois auxilia-la no concerto da phrase, si esta fôr muito desacertada, corrigindo-a, entretanto, de modo tal que a criança não seja vexada, afim de que, em outra occasião não se negue a entrar em palestra com elle por temer errar e ser novamente vexada.

A proporção que a criança fôr apprendendo a falar, em palestras sobre assumptos e coisas que já lhe sejam familiares, assumptos e coisas de que ella já tenha conhecimento, sobre as quaes conversa e discute com os seus collegas em recreio, na

rua, e, em casa, com as pessoas de sua familia, vá tambem o professor fazendo com que ella escreva, senão todas, ao menos algumas das sentenças que houver formado. Não encontrará ella invencivel difficuldade nisto, pois irá escrever palavras que já lhe são muito conhecidas, não só de outiva como porque as está pronunciando a todos os instantes, e, ainda porque lhe trazem á idéa a lembrança de coisas que lhe são conhecidas, de que ella ajuiza mais ou menos com justeza. Não são palavras della inteiramente desconhecidas, palavras para ella de todo sem sentido, abstractas, estando, sim, na sua imaginação, como que concretizadas pela lembrança de um objecto, de uma coisa que ella já viu, sobre a qual já conversou ou discutiu.

Estes exercicios de redacção, muito uteis sempre, quando não possam ser feitos de memoria pela criança, poderão ser feitos por dictados, embora muito pequenos, muito limitados.

O simples trabalho de cópias de sentenças escriptas previamente pelo professor no quadro-negro, só em ultimo caso deverá ser dado, só mesmo quando o professor de todo não o possa dar sob a fórmula de dictado.

Os simples exercicios de cópias tem os seus não pequenos inconvenientes. A este respeito assim se manifesta o auctor citado: «— Primeiro, a criança lê ainda mal; não ha certeza de que possa lêr corrente e correctamente as palavras que copia; depois, quando copia, não pensa senão em reproduzir letra a letra á palavra que vê no livro ou no quadro-negro, mas as palavras assim expressas nem as entende nem soam ao seu ouvido. O que é preciso, é que as palavras lhe cheguem pronunciadas muito claramente pelo professor, e que depois tenha de escreve-las; deste modo retém a composição das syllabas e faz a analyse dos sons muito melhor do que copiando. Parece-me, pois, que no curso elementar importa começar sobretudo por dictados muito curtos, compostos de palavras muito simples.

E' assim que as crianças adquirem primeiro a intelligencia das palavras e depois a sua orthographia». As palestras entre professor e alumnos, principalmente quando são estes do 1.º anno, deverão versar sobre assumptos que agradem ás crianças, sobre objectos que ellas encontram em casa, nas ruas, nos seus passeios, etc. E, sobre os mesmos themas que serviram para estas palestras, deverão versar os pequenos dictados, inicio dos exercicios de redacção. Assim como a criança vai apprendendo a falar com certa correcção nestas palestras, irá tambem apprendendo a escrever, a redigir, a vasar no papel os seus pensamentos.

* * *

Como se tem visto, não nos é intuito aqui estudar o methodo a seguir no ensino de leitura, isto é, qual o meio melhor e mais prompto para ensinar as crianças a lêr.

O nosso distincto collega, professor Theodoro de Moraes, um nome feito nas lides do ensino, em seu excellente trabalho denominado «Meu Livro», conscienciosa, intelligentemente feito para o bom ensino de leitura pelo methodo analytic, methodo aliás racional e o mais de accôrdo com a lei fundamental da pedagogia, nas paginas 101—107, traça, de modo claro e firme, o caminho a seguir-se no ensino de leitura nos 1.ºs annos, a marcha para o seu bom apprendizado.

O que aqui temos em vista, é tratar, embora ligeiramente, do modo de se ministrar o conhecimento da lingua materna, que deve começar sempre com os primeiros exercicios de leitura, pois que o ensino de leitura e o ensino, ou melhor, conhecimento da lingua não se podem separar, estão intimadamente ligados.

* * *

Um auxiliar tambem poderoso para o bom apprendizado da lingua são, por certo, as lições de coisas — *objects lessons*, como se dominam nos Estados-Unidos. Com o auxilio do processo utilizado pelas «lições de coisas», as crianças, a partir principalmente do 2.º anno, buscando palavras com que exteriorizem o que as impressionem, vão tecendo, a proposito de um objecto dellas conhecido, uma série de sentenças que constituirão um proveitoso exercicio de linguagem. Estas sentenças, sendo depois convenientemente ligadas, serão uma bem aproximada descrição do objecto a proposito do qual foram formadas. Escrevendo, em seguida, os alumnos estas sentenças, de memoria, terão com com este trabalho feito um util exercicio de redacção.

Na classe do 2.º anno, como nas do 3.º e do 4.º, os exercicios escriptos serão em o maior numero possivel: exercicios de redacção, com o auxilio de processo empregado pelas «lições de coisas»; redacção de bilhetes e de cartas, oralmente questionadas entre professor e alumnos; descrição de objectos conhecidos dos alumnos, mudança de redacção, etc.

Nos 2.º e 3.º annos, os exercicios de redacção de cartas ou bilhetes podem ser feitos por meio de dictados, sendo preferivel que sejam dictados por um alumno a um seu collega, que os irá escrevendo no quadro negro. Assim, a classe toda acompanhará este trabalho, aproveitando as explicações ou observações que a respeito de alguma incorrecção forem feitas pelo professor. Feito este trabalho em um dia, no dia após, na hora

que no respectivo horario para tal fim fôr determinada, todos os alumnos redigirão uma carta ou bilhete, não sobre o mesmo assumpto da lição anterior, mas sobre assumptos mais ou menos semelhantes.

Nestas classes o alumno já lê correntemente, com plausivel desembaraço, já não é preciso interromper-se-lhe o exercicio de leitura para leva-lo a pronunciar correctamente esta ou aquella palavra. Pois bem! Questionemo-lo, então no fim da leitura de um trecho ou no de uma página, sobre o valor desta ou daquela phrase, sobre os sentidos das palavras, sobre as ideias que ellas lhe despertaram. Façamos com que elle construa phrases semelhantes, nas quaes encaixe com justeza algumas das palavras lidas; encaminhemolo a substituir, por outras equivalentes ou synonymos, algumas das palavras da lição; procuremos que explique a pagina ou trecho lido, por palavras ou expressões suas, de modo que nos convença de que comprehendeu o que leu, que se apropriou do pensamento do auctor, isto porém, em poucas palavras, resumidamente.

Para que, porém, o professor possa chegar a este resultado, é preciso que o trecho seja primeiro lido por si, devagar, em voz clara e intelligivel, e, em seguida, por mais dois ou tres alumnos da classe. Só depois de bem lido e bem commentado o trecho em relação ás suas expressões mais difficeis, se deverá exigir a sua reproducção oral, por um ou por mais alumnos da classe.

Assim como é de vantagem o commentario e a narração depois de uma bem feita leitura, assim tambem é de maxima importancia, para o apprendizado da lingua, a redacção depois de uma boa exposição oral.

Os exercicios de mudança de redacção, quanto á passagem de poesia para prosa, são tambem valiosos auxiliares para o conhecimento da lingua.

Devem ser feitos primeiro oralmente e em seguida por escripto por todos os alumnos da classe.

Leia o professor uma poesia, não muito longa, formada por duas ou tres estrophes, perante a classe, em voz clara e intelligivel de todos os alumnos, faça-lhe os necessarios e cabiveis commentarios, nos quaes intelligentemente procure interessar a todos os alumnos, para que estes se vão, assim e sem o sentimento, se acostumando a descobrir os pontos mais difficeis dos trechos que lhes forem designados para exercicios de leitura, para que se vão habituando a observar attentamente, como que a analysar todos os trabalhos escriptos que se lhe apresentarem. Lida em seguida a poesia por mais alguns alumnos tambem em voz alta, outros a reproduzirão oral e resumidamente, seguindo-se a mudança de redacção por toda a classe.

A leitura de bons artigos de jornaes ou de revistas scientificas, pelo professor feita perante a classe nos dois ultimos annos do curso preliminar, ao menos uma vez por semana, temos como de grande vantagem, no ensino da lingua, uma vez que elle, procurando interessar todos os seus alumnos nesta leitura, despertando-lhes ou procurando-lhes os commentarios que por ventura taes artigos comportem, levando-os a descobrirem o valor de certas palavras, aqui empregadas em sentido verdadeiro, alli, em sentido figurado, a força de algumas phrases, o pensamento do auctor, emfim.

Estas leituras serão de muito proveito desde que o professor encaminhe os alumnos á sua intelligente analyse.

Todos estes exercicios a que vimos de nos referir, intelligente e criteriosamente seguidos e esplanados de accôrdo com o maior ou menor desenvolvimento intellectual da criança, forçosamente produzirão o resultado almejado — qual o de dar á criança. no fim do seu tirocinio escolar primario, um bom conhecimento da lingua materna, que ella conhecerá e manejará, por certo, então, com algum desembaraço, achando-se, assim, aparelhada para utiliza-la com maior ou menor segurança em todas as necessidades da vida.

Conseguido este desideratum, terá a escola poderosamente concorrido para a educação do povo.

Não temamos, disse M. Savary, ter grandes ambições com respeito á escola. A sua missão não consiste só ensinar a lêr, a escrever e a contar. Tem que fazer mais alguma coisa, do que dar ás crianças este instrumento, cujo emprego em breve esqueceriam, se, despertando a sua curiosidade e desenvolvendo o seu espirito, não lhes tivesse dado ao mesmo tempo o gosto e o habito de se servir d'elle.

«A verdadeira missão da escola consiste em dar aos que a frequentam o gosto douradouro pela leitura e em permittir que lhe consagrem com proveito os momentos de ocio; e quando attinge este resultado, satisfaz o seu fim, porque pôz á disposição dos mais humildes o meio de adquirirem mais tarde os conhecimentos que lhe faltam; e, á falta de outros recursos, uma bibliotheca cheia de bons livros e regularmente frequentada é, depois da escola, o melhor e o mais instructivo de todos os cursos de adultos.»

Lorena, 20-7.º-1912.

C. BRAGA.

EDUCAÇÃO PHYSICA SOB O PONTO DE VISTA ANALYTICO

I

E' proverbial a ignorancia dos paes no tocante a criação e educação de seus filhos.

Os homens geralmente tomam mais interesse pela criação e engorda dos animaes inferiores e pelo aperteioamento de suas raças, no intuito de enriquecer-se, que pelo progresso physico dos entes predestinados a continuar sobre a terra a missão social de cada familia e o característico individual de cada nacionalidade.

Em nossos dias a unidade familiar, a união intima de seus membros, vai perdendo a sua força cohesiva — a sua afinidade — manifestação especial da gravitação geral das nações — do altruismo — devido á invasão de elementos anormais á indole de nosso povo.

Os nossos parentes, amigos, patricios e conterraneos estão sendo egoisticamente espinhados, rechassados, em proveito de individuos que se não sabe de onde vieram e para onde vão. Os nossos patricios, entretanto, não são tão despreziveis como o fazem crer. O que lhes falta é espirito de iniciativa propria, é direcção... Deficiencia de educação é a causa. EDUCAÇÃO INTEGRAL é o remedio. Educação integral, entretanto, não é o mesmo que PREPARO GERAL, como até publicistas habituam-se a suppôr. Educação não é instrucção, embora uma idéa envolva a outra até certo ponto. Já o dissemos algures, que, assim como a inspiração e a expiração produzem a respiração; assim tambem a educação e a instrucção produzem a civilização. O ENSINO INTEGRAL É O ENSINO FILIADO A UMA PROFISSÃO adequado ao meio, em que tiver de exercer a sua influencia educadora.

E' justamente pela falta de criterio nesse particular, que as nossas tradições vão sendo pisadas sem dó nem piedade pelas rodas gigantescas do anarchismo dominante.

As festas populares vão a pouco e pouco perdendo o seu cunho racional, os sentimentos altamente altruisticos, estão sendo dominados pelo egoismo grosseiro e destruidor. O egoismo, essa força de repulsão, não deve, e nem póde, subjugar o altruismo em suas garras de aço. E' preciso que essas forças se contrabalancem para que se mantenha a estatica social.

Não prevalece a allegação de que, os que assim procedem, os exclusivistas estão pugnando pelo bem estar da familia, (quando chegam a constituir-la), porque sem o sentimento, ou antes, o instincto de conservação, materno e reproductor, em

sua accepção mais lata, sem a saúde e o vigor do corpo, pouco valor apresenta todo o esforço em prol da elevação intellectual do homem.

E ainda não é tudo.

E' sabido tambem que muitas mães sem orientação e criterio, desconhecendo completamente os minimos preceitos de sua missão criadora e educativa, sob o futil pretexto de não ficarem mais feias e na apparencia mais velhas, entregam os filhos aos cuidados de amas ignorantes, que infiltram no sangue dessas gentis criaturas, dignas de melhor sorte, os mais perniciosos instinctos.

Os paes, por seu turno, só se lembram dos filhos, quando já na escola, após as refeições, para manda-los estudar as lições, com prejuizo da digestão.

E o mais? a educação em seu triplice fundamento? Isso tudo é negocio incompativel com a dignidade de seu sexo. E' com as mulheres... é com as mulheres...

Estão, pois, como acabamos de demonstrar, os cavallos, os porcos e as gallinhas, occupando plano superior, no tocante ao aperfeiçoamento das raças, aos herdeiros de um nome a zelar. E, como consequencia logica deste phenomeno, vão desaparecendo as familias como as antigas nações... E' o instincto guerreiro a sobrepor-se ao instincto materno, sem no entanto o instincto de conservação ser a figura característica do drama, caso em que a anomalia seria justificavel.

A preocupação de formar bellos homens e formosas mulheres tem sido descurada por todos os povos. Assim, pois, a alimentação, no geral, prima antes pela quantidade que pela qualidade; os relógios não são consultados para esse fim e, portanto, o pequerrucho pôde alimentar-se a todo o instante; o leite não foi feito para accomodal-o e por isso sacodem-no até que os alimentos fiquem bem misturado no estomago; os vestidos são sempre á franceza e os exercicios nullos quasi sempre.

Entretanto, é sabido que a primeira condição de exito na terra é o ser um bom animal.

O caracteristico capital da propriedade de uma nação, por seu turno, é constituir-se ella de bons animaes.

Nas luctas industriaes, como nas guerras, a victoria anda sempre ligada á força e á ousadia dos contendores. E é justamente, por isso, que o vigor physico de nosso povo já constitue-se em motivo para temer-se a derrota nos variados departamentos da luta pela vida.

Os nossos caboclos, nesse particular, já têm sido submettidos a bem rudes provas.

A lucta pela conservação não só individual, como familiar, se vai tornando tão encarnçada, tão difficil, nos tempos ho-

diernos, que poucos são os individuos que conseguem resistir aos embates das ondas do mar tempestuoso da vida.

Gastar-se-ão, assim, as mais rudes constituições, sem que cheguem a cumprir o seu destino sobre a terra, contribuindo para a evolução humana.

Cumpre, portanto, a todos os educadores, entre os quaes collocaremos os paes em primeiro plano, tornar as crianças aptas para enfrentar a lucta intellectual, professional e industrial, que se avizinha, supportando as immensas fadigas que as aguardam.

Os nossos educadores, felizmente, já se vão preocupando seriamente com a saúde e vigor do corpo dos educandos.

Em todos os angulos da nossa terra se nota, pois, uma benéfica reacção contra o excesso e precocidade da cultura intellectual, que recebeudo o CONTRA VAPOR, indicará a bissectriz desejavel.

Pormos o regimen muscular em harmonia com a evolução intellectual e moral deve ser a nossa preocupação capital. Nesse particular a nova escola não admite transigencias, porque sem isso a instrucção propriamente dicta e consequentemente a civilização, não poderão produzir os fructos que dellas nos é licito esperar.

Os beneficios da sciencia moderna devem, pois, ser compartilhados tambem pelos nossos filhos, formando-se assim homens vigoros e esbeltas mulheres.

As leis que presidem o aperfeiçoamento das raças, na escala inferior, prevalecem incontestavelmente na evolução humana. E, assim sendo, as experiencias e observações; sobre os animaes propriamente dictos são de grande utilidade na evolução da vida humana. E, sinão, que o digam a Biologia e portanto a Medicina.

* * *

Os principios geraes e immutaveis, sobre as funcções vitaes dos animaes inferiores são applicaveis ás funcções da vida humana. E, portanto, esses principios, necessariamente, devem exercer influencia preponderante na educação da infancia. Os germens da sciencia encontram seus fundamentos na natureza mesma.

O espirito de contradicção, o amor ao contraste — que é um dos caracteristicos essenciaes do genero humano — tem influenciado até na propria alimentação das crianças e dos adultos.

O regimen alimentar, como todas as questões sociaes, tem acompanhado a moda dominante.

Depois de uma época em que as ceias eram toleráveis, vem uma outra de relativa sobriedade, em que o regimen vegetariano constituiu-se em protesto contra o extremo opposto.

O vulgo ignorante convenceu-se que quanto mais se alimenta uma criança, mais se robustece, o que não é verdade.

Nas classes mais elevadas, ao contrario, as crianças são mal alimentadas, sob pretexto de que o muito alimento faz-lhe mal.

E' sabido tambem que os adultos alimentam-se do bom e do melhor, em prejuizo das crianças, que maior necessidade têm de alimentos nutrientes.

A função do alimento no organismo da criança, tem um duplo fim: alimentar as chammas da vida e produzir o crescimento physico.

Entretanto, comer até a repleção e alimentar-se insufficientemente são cousas egualmente prejudiciaes. Entre os dois extremos reside a virtude.

Os efeitos da repleção nas crianças são de mais facil reparação que os da inanição. O excesso de alimentação é vicio nos adultos mais do que nos pequenitos. E si estes algumas vezes chegam a ter indigestões, a culpa é unicamente de quem os educa.

O appetite foi e será sempre um guia seguro aos animaes em geral. Portanto, assim como não se bebe sem ter sede, não se deve comer sem ter fome. Os que parecem offerer excepção á lei, são justamente os que não souberam respeita-la na sua infancia.

O regimen ascetico póde produzir os mesmos resultados do extremo opposto, como este póde produzir os resultados daquelle.

Neste particular verificamos o mesmo phenomeno que na educação intellectual e moral:

«O INDIVIDUO QUE NA SUA INFANCIA FOI SUBMETTIDO A UMA RIGOROSISSIMA DISCIPLINA, PREDISPÖE-SE PARA, EM FUTURO NÃO REMOTO, LANÇAR-SE ÁS MAIORES EXTRAVAGANCIAS».

II

Os homens, em sua quasi totalidade, estão convencidos que a predileção das crianças pelos doces não passa de uma sensibilidade do paladar, que deve ser reprimida.

As observações physiologicas, porém, demonstraram que o assucar representa um papel capital na economia animal.

São justamente as substancias saccarinas e gordurosas, que, combinando-se com o oxygenio, em nosso organismo, produzem o calor animal. Esse calor é mantido especialmente pela oxidação do assucar, a que se reduzem grande numero de com-

postos, dentre os quaes sobresaee o amido, sem duvida, como o principal, porque se transforma nessa substancia durante a digestão.

O nosso figado, por seu turno, é um engenho, cuja função é transformar os alimentos em assucar.

O assucar é tão necessario ao organismo que até chega a ser extrahido das proprias substancias azotadas, quando se lhe não fornece em outras mais saccarinas.

As crianças têm, pois, uma pronunciada attracção por essa substancia, porque, como dissemos, é ella o principal productor de calorico, em seu organismo, que é impotente para assimilar as gorduras.

O excesso da primeira, compensa a insufficiencia da segunda, que nos adultos, produz o maximo de calorico durante a sua oxidação.

As xaropadas e as alimentações gordurosas, são, por isso, os mais poderosos medicamentos contra as constipações...

As crianças necessitam tambem de acidos vegetaes, como um estimulante aos intestinos, que funccionam imperfeitamente.

Os acidos mineraes, por seu turno, são bons tonicos; mas, os acidos vegetaes, contidos nos fructos maduros, ingeridos com moderação, offerecem incontestaveis vantagens.

Doces e fructas, de que as crianças tanto gostam, são, pois, os factores capitaes do seu desenvolvimento.

Em nosso trabalho «Spencer em S. Paulo», publicado em jornaes desta terra, escrevemos o seguinte sobre esse particular: «Toda a satisfação do paladar é, geralmente, julgada inutil, e até mesmo prejudicial, ao desenvolvimento infantil».

Os alimentos insipidos, taes como chá e pão com manteiga, á noite, e o leite, pela manhã, são os alimentos preferidos para as crianças.

As outras iguarias, reclamadas pelo seu organismo, lhes são negadas sob pretextos varios.

Nos dias do festas, porém, quando, em suas casas ou nas casas amigas, as crianças se encontram no uso pleno de sua liberdade, ou quando, em um passeio campestre, correm livremente em um pomar, o desejo por muito tempo sopitado expande-se, conduzindo-as aos maiores excessos.

As consequencias do abuso dessa liberdade — as indigestões — são pretextos para se não deixar as crianças guiarem-se pelos seus appetites.

Multiplicam-se, por isso, as restricções sem que ninguem perceba que são justamente as restricções artificiaes, que determinam um tal desequilibrio nas funções organicas. Portanto, si as crianças usassem quotidianamente esses alimentos, tão saborosos para ellas, como para alguns adultos, por corresponderem

ás suas necessidades physiologicas, certamente, não comeriam sinão o sufficiente para a satisfação de seus desejos.

Os fructos e os doces, entretanto, devem ser servidos após ás refeições e antes do café, para que produzam seus beneficos effeitos.

A maioria das molestias é consequencia logica dos systemas artificiaes de alimentação.

O appetite é o melhor guia nesse particular, porque a necessidade de alimentação depende de causas muito complexas.

A temperatura do ambiente, o estado hygrometrico e electrico da atmosphaera, os exercicios physicos, a qualidade dos alimentos, a quantidade absorvida na ultima refeição, a maior ou menor rapidez da digestão, o estado de saúde e o estado da alma, entram no mundo dessas causas.

A confiança extrema com que os paes legislam para o estomago dos filhos prova que elles ignoram as leis physiologicas nesse particular.

Os homens instruidos são geralmente modestos.

O ORGULHO DA SCIENCIA É A MODESTIA, A HUMILDADE, COMPARADA COM O ORGULHO DA IGNORANCIA.

A temeridade do professor inexperiente, e a prudencia dos educadores experimentados, bem demonstram esta verdade fundamental.

A' medida que adquirimos conhecimentos mais solidos e profundos das causas e das leis da vida, tornamo-nos mais desconfiados das leis abstractas e mais crentes na natureza, que é a mais carinhosa das mães.

III

A alimentação offerecida ás crianças é, no geral, pouco substancial, o que, por seu turno, contribue para depauperar o seu organismo.

As crianças mais do que os adultos carecem de alimentação animal.

Muitos paes, por carestia de recursos, incutem no animo de seus filhos que a carne faz mal ás crianças e as pessoas mais abastadas se deixam influenciar por esses prejuizos, de que as amas ignorantes, constituem em bandeira de combate.

Entretanto, mais extracto de carne e menos cueiro até que a criança atinja a idade de tres annos, são de incontestaveis vantagens ao desenvolvimento infantil.

As crianças, seja-nos permittido lembrar, precisam de alimentação mais substancial que os adultos.

O adulto precisa alimentar-se sufficientemente porque o seu corpo soffre todos os dias grande perda de forças accumuladas

em seu organismo, em consequencia do exercicio muscular e funcções de relação; das funcções do systema nervoso e acção mental; das funcções das visceras, que tornam possível a vida animal.

As cellulas destruidas por esses phenomenos precisam ser renovadas para que a vida se prolongue o mais possível.

O repouso de que carecem, de tempos a tempos, os que se dedicam a trabalhos mentaes, vem collaborar nessa verdade, mórmente em nossos tempos em que os recursos pecuniarios escasseiam; os trabalhos mais se complicam e se aggravam, pela falta de uma orientação segura e a moda se avoluma e domina a vontade e a consciencia humana.

O alimento são e nutriente, pois, deve ser preferido ao excessivo luxo, que em nada contribue para a felicidade humana, sob os seus diversos aspectos.

O corpo perde calor pela irradiação e, para que o equilibrio se mantenha, se faz preciso que o individuo se alimente convenientemente. O alimento estabelece no organismo uma oxydación continua, desenvolvendo calor, o que compensa as perdas constantes que se verificarem.

A criança, pela sua actividade e pela irradiação perde tanto calor como o homem. E, além disso, ella precisa conservar os seus orgams, pela substituição dos tecidos e, sobretudo, para o seu crescimento, necessita de novos tecidos, o que só se obtem pelo excesso de alimentação.

Portanto, sem alimentação sufficiente e nutriente, o crescimento concorrerá para depauperar o organismo infantil, produzindo o rachistismo com o seu cortejo de molestias accessorias.

E' sabido que um organismo pequeno offerece vantagens sobre um grande em relação ás forças que tendem a destruir.

D'ahi a possibilidade do crescimento.

E' por esse motivo que a criança, até certo limite póde supportar um regimen insufficiente para as suas necessidades, embora a privação total de alimentos as faça perecer muito antes dos adultos, como se tem verificado por occasião das fomes, que succedem ás grandes seccas em regiões equatoriaes.

A insufficiencia de alimentos, entretanto, traz como consequencia logica a imperfeição na estatura physica da criança.

A inferioridade physica de certas nações, que se preocupam mais com as modas, em detrimento da saúde e vigor do corpo, deve ser unicamente attribuido ao facto por nós lembrado.

A economia de trabalho digestivo, por seu turno, determina maior somma de forças para o crescimento e acção.

As funcções do estomago e dos intestinos só se effectuam com grande despesa de sangue e de força nervosa, cuja aquisição é feita á custa do esforço do systema», como bem demonstra

o abatimento que succede á digestão. E, assim sendo, torna-se logico que é de grande vantagem conseguir-se a nutrição necessaria por meio de alimentos substanciaes, porque as visceras com um esforço minimo conseguirão o maximo de resultado.

A alimentação pouco nutritiva, portanto, diminue a força e o crescimento, ao passo que a substancial e digestiva, accumulando energia, torna a criança robusta e forte. Este phenomeno produzindo a estrutura, base do progresso, se revela inversamente proporcional ao crescimento rapido, que produz unicamente estatura, quasi sempre prejudicial á infancia. Um razoavel equilibrio entre as duas tendencias do organismo é o que devemos procurar proporcionar á criança.

As qualidades nutritivas da alimentação, pois, devem estar na razão directa das suas propriades digestivas.

Os alimentos exclusivamente ou quasi exclusivamente vegetaes podem ser snfficientes para o apparente desenvolvimento physico da criança; mas, esse desenvolvimento, entretanto, não é o mais conveniente. E essa imprevidencia pode trazer, no futuro, consequencias funestas.

A solução do problema depende mais da qualidade que da quantidade, porque, como já ficou demonstrado — a estrutura do systema tem mais valor que a sua estatura.

A obesidade nos adultos é, na maioria dos casos, indicio de fraqueza.

Os homens, bem como os animaes inferiores, perdem em peso, pelo exercicio, o quanto adquirem em força.

E' preciso antepôr a energia vital, a estrutura, á estatura, á apparencia saudavel.

Os animaes destinados ao arado não podem e não devem ser tratados do mesmo modo que os destinados ao mercado.

Observando-se os filhos das classes alimentadas á carne e os das alimentadas á farinha, notaremos differença visivel entre elles.

A tenção physica e mental dos filhos de nossos caboclos é bem mais inferior que a dos filhos das classes mais favorecidas.

O gráu de energia mental, pois, é directamente proporcional á natureza da alimentação.

As raças bem alimentadas sempre se apresentaram fortes e dominadoras.

Na guerra, como em toda e qualquer profissão, o individuo alimentado á farinha, nunca pode rivalizar com o homem alimentado á carne.

E', pois, a differença de alimentação e não a differença de raça que tem collocado o inglez em plano superior aos outros povos do globo, quanto á sua energia vital. E a prova disso é que os caboclos, empregados em empresas de caminhos de ferro,

logo que se habituam a alimentar-se á maneira dos inglezes, se tornam tão fortes, activos e energicos como elles.

A experiencia tem demonstrado que a abstinencia da carne produz diminuição de vigor physico e intellectual.

Os tecidos alimentados á carne, se tornam mais compactos, mais solidos, ganhando em qualidade o que perdem em quantidade — em gordura — que só serve para abreviar a vida humana.

Fica assim demonstrado que se não pôde obter muito vigor, energia e solidez, sinão pelo uso prolongado de alimentos nutritives.

IV

A alimentação variada é, certamente, a que mais convém á natureza humana.

O homem é omnivoro por natureza e por indole.

O prazer causado por uma iguaria a que o paladar por longos dias ficou extranho, bem demonstra a necessidade da variedade de alimentos. E, assim sendo, é a propria natureza que nos indica o alimento mais necessario ao organismo.

O alimento, ainda que de primeira ordem, não é sufficiente e conveniente para fornecer todos os elementos em proporções necessarias para as funcções normaes da vida.

A variedade na alimentação, portanto, é a condição capital para obter-se a proporção necessaria entre os diversos factores vitaes.

A physiologia, por seu turno, nos demonstra que o prazer causado pelo sabor de certos alimentos preferidos, se torna um estimulante nervoso tão poderoso, que, actuando sobre as pulsações do coração e impellido o sangue com mais energia, auxilia o phenomeno da digestão.

A mudança periodica da alimentação, é, pois; uma necessidade ao organismo, que mais ainda se revigora com o regimen da alimentação mixta.

E assim é que:

«A preponderancia mais justa dos ingredientes e o estimulante dado ao systema nervoso se fazem sentir até na composição de uma mesma refeição.»

A facilidade com que o estomago digere um jantar francez, immenso em quantidade, como variado em qualidade, bem demonstra a nossa asserção.

E' incontestavel, pois, a vantagem da alimentação mixta, para a producção de compostos mais apropriados ás funcções da vida.

Este systema de alimentação não só favorece o desenvolvimento corporal, que traz como consequencia immediata o bem estar pela saúde e vigor do corpo, como o mental, sem o qual não poderemos privar com os factores da vida completa, attin- gindo-se a UM PREPARO GERAL

A alimentação insufficiente é por si só uma causa de dys- pepsia e por isso a mudança do regimen ordinario para o por nós indicado se não deve fazer bruscamente.

A alimentação deve ser directamente proporcional ao vigor de cada individuo, para que se torne benefica.

Em these — «a alimentação que maior soõma de beneficios produz é a que possua os requisitos seguintes: immensamente nutritiva, bastante variada em cada refeição e sufficientemente abundante».

(Continúa.)

LUIZ CARDOSO.

LITERATURA

Os tres dias de Colombo

(CASIMIR DELAVIGNE)

—«Vamos! Rumo de Europa!»

—«Esperae!»

—«Que esperar?»

—«Tres dias (diz Colombo e dar-vos-ei um mundo!»

E co'o dedo o apontava e o buscava co'o olhar;

Perscrutando o horizonte insondado e profundo.

Elle segue; e dos tres um novo dia foge.

E segue; e o dia baixa, ao negro azul da onda

O firmamento azul o olhar confunde, então:

E segue, e segue ainda, e sempre, enquanto a sonda

Num mar sem fim remergulha e mergulha em vão...

Em silencio, descança o piloto, abatido,

Sobre o leme, que range entre os ares nocturnos...

E escuta do marouço os rabidos mugidos

E do mastro cançado os estralos soturnos.

No alto céu, astro algum de Europa se levanta...

Do Cruzeiro o fulgir toda a maruja espanta.

A aurora esperada eis que rebrilha e reluz,

Banhando o pavilhão com branda claridade...

—«Colombo, olha a manhã! Já nasce nova luz,

«Eis o dia! E que vês?»

—«Eu vejo a immensidade!...»

Passa o dia. Que faz Colombo? Dorme o forte...

E, contudo, entre a treva, essa turba conspira.

—«Matal-o-emos? Dizei!»

—«A' morte, á morte, á morte!»

«Ou triumpha amanhã, ou perjuro elle expira!»

Ingratos!... Amanhã terá o mar por cova

Onde vinha rasgando uma vereda nova!

E — quem sabe? — amanhã as impiedosas vagas,

Uivando sobre a terra ingente que previa,

O corpo cuspirão por esquecidas plagas,

Do misero Colombo — o grande homem de um dia!

Subito, na alta gávea e depois no convéz:

—«Terra! terra!» —«Eis a terra!» exclamam despertando.

Corre Colombo a vêr. — Eis que surge de vez!

—Terra! Oh! sublime arroubo! —A terra palpitando!...

Oh! nobre soluçar que não pode cohibir!

«Fernando que dirá? toda a Europa? e o porvir?»

«E a seu rei elle outorga este paiz fecundo!...»

Honras e ouro terá como paga de um mundo...

—Um thrôno fôra pouco! — Que alcançou? —

— Grilhões.

BARCAROLA

Nosso barquinho ligeiro
De velas côr do luar,
Mal sinta o tempo fagueiro,
Irá de prôas ao mar.

Barquinho! na tua rota
Navega, rumo do sul,
Pareces uma gaivota
A voar no oceano azul!

Si fica tão longe o porto
Onde queres ancorar,
Barco! a esperança é um conforto.
Não temes nem céu nem mar.

Enfuna bem tuas velas
Porque, da derrota em prol,
Virão as noites de estrellas
E virão manhãs de sol.

Vae, barco, que a vida é cheia
De tormentos e afflicções...
Mas o destino premeia
Quem é forte nas acções.

Maruja, sùs! rema, rema,
Sempre a cantar e a sorrir...
Ha de a coragem suprema
Desvendar róseo porvir.

ANTONIO PEIXOTO.

NOTAS

A INSTRUCCÃO PUBLICA EM SANTA CATHARINA

Recebemos e agradecemos a *Mensagem* apresentada ao Congresso daquelle Estado pelo seu illustre governador Vidal José de Oliveira Ramos, e o *Relatorio* apresentado ao mesmo governador pelo Tenente-Coronel Caetano Vieira da Costa, seu dignissimo secretario geral.

Ambos os trabalhos trazem, detalhadamente, o movimento administrativo de Santa Catharina, que vai entrando sériamente no caminho do progresso, e procurando assim concorrer com o seu devido tributo para o engrandecimento geral da federação brasileira.

Deixando de lado outras partes desses dous importantes trabalhos, apenas nos imitaremos a considerar a que se refere á instrucção publica daquelle futuroso Estado.

A reforma da instrucção publica de lá «foi moldada na «organização do ensino paulista, com as modificações indispensaveis ás condições do meio e os aperfeiçoamentos aconselhados pela experiencia».

Para dar aos leitores uma idéa da organização do aparelho escolar santa-catharinense, basta transcrever as palavras com as quaes, a este respeito, se exprime o prof. Orestes Guimarães, inspector geral do Ensino de Santa Catharina.

«Felizmente, o que não acontece, em geral, no ensino dos Estados do Brazil, mesmo em S. Paulo, para o que basta comparar o programma das escolas isoladas e dos Grupos Escolares daquelle Estado (S. Paulo) — em Santa Catharina ha, no seu aparelho escolar, verdadeiro equilibrio e sériação do ensino, isto é, o curso superior é o desenvolvimento do inferior, e aquelle corolario deste.

«Assim, o alumno que, nas cidades, onde existe grupo escolar, termina o seu curso em escola isolada (escola de programma reduzido a tres annos de curso), pôde-se matricular no

4.º anno dos grupos — corollario do 5.º anno das escolas isoladas; os que terminam o curso dos grupos podem se matricular nas escolas complementares, corolaio dos grupos, creadas para elevar o nivel do ensino e estabelecer uma corrente de candidatos ao magisterio publico; os que terminam o curso das escolas complementares pódem se matricular no 3.º anno normal, visto o programma ser constituido dos programmas do 1.º anno e do 2.º anno normal, divididos pelos tres annos do curso complementar.

«E' este, pois, o racionalissimo systema didactico catharinense, baseado no principio pedagogico de que o ensino deve ser lento e progressivo».

A par disso, o Estado de Santa Catharina tratou de pôr a Escola Normal de accôrdo com a nova reforma que se vai realizando tão promissoramente e em condições de bem preparar «os que se quizerem dedicar á nobre missão de instruir e educar a mocidade catharinense»; cuidou de uma fiscalização regular do ensino, e outras medidas tendentes a assegurar o perfeito funcionamento de seu aparelho escolar.

Relativamente ás escolas complementares, transcrevemos ainda as palavras do sr. Orestes Guimarães:

«As escolas complementares com a disciplina interna semelhante á dos grupos escolares, têm por fim desenvolver gradativamente o ensino daquelles estabelecimentos.

«E' um complemento indispensavel para o levantamento da instrucção popular, e sua diffusão e localização pelos diversos centros do interior do Estado — é uma obra meritoria.

«Geralmente, aos doze ou treze annos, as crianças terminam o curso dos grupos, donde sahem, sem que possam desenvolver ou mesmo firmar os conhecimentos recebidos.

«Então é occasião de se matricularem nas escolas complementares, cujo curso, de tres annos, se compõe das materias dos dois primeiros annos da Escola Normal.

«Demais, o complementarista ficando com o direito de matricula no 5.º anno da Escola Normal, *ipso facto* fica estabelecida uma corrente de moços e moças que de todos os pontos do Estado affluirão á Escola Normal.

«Será uma nova era para o ensino publico a installação de taes escolas».

O ensino secundario do Estado é ministrado pelo Gymnasio de Santa Catharina, sob a direcção dos padres jesuitas.

PEQUENAS LEITURAS

Acaba de ser publicado, pelo Sr. Inspector Escolar Ramon Roca o livro com o titulo acima, destinado ás classes primarias de nossas escolas, a cujo respeito deixaremos de fazer maiores referencias, transcrevendo sómente as linhas que nas *varias* do *Diario Popular*, de 9 de Abril, foram publicadas:

Sahiu agora á luz da publicidade, editado pelos srs. Francisco Alves & Comp., o livro «Pequenas Leituras», da lavra do professor Ramon Roca.

O livro, para se recommendar, não precisa, decerto, de outro titulo além do nome do autor, cuja competencia, em assumptos didacticos, já se acha bastante comprovada em anteriores trabalhos.

O professor Ramon Roca é um dos raros educadores que ainda se occupam, realmente, com as coisas do ensino. Numa época em que, para nossa infelicidade, tudo se abastarda cahindo as nossas escolas no descrédito da população, conserva constantemente a velha fé robusta, que sempre o distinguiu entre os seus collegas de S. Paulo.

As «Pequenas Leituras» são um livro como bem poucos conhecemos; na nossa literatura didactica, infelizmente mais «numerosa» do que apreciavel, difficilmente se encontrará trabalho similar que se lhe compare.

Compreendeu o sr. Ramon Roca com grande justeza as necessidades das crianças que de pouco deixam a aprendizagem da leitura; e, estudando, com perspicacia e muito poder de observação o estado de espirito dos pequeninos estudantes, arranjou-lhes um livrinho que lhes poderá prestar grande serviço, desenvolvendo-lhes, de uma maneira lenta e gradual, sua intelligencia que desabrocha.

Nessa, condições, achou o sr. Ramon Roca a verdadeira chave do intrincado problema, que sempre foi o ensino da leitura nos primeiros annos dos grupos escolares.

O livro é feito numa linguagem simples, verdadeiramente infantil: ás crianças, falla o auctor como uma verdadeira criança; e, assim, prendendo-lhes por tal fórma a attenção, torna relativamente facil aquillo que, até ha pouco tempo, era uma difficuldade.

Um excellente livro, o do sr. Ramon Roca».

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Relatorio apresentado á assembléa geral pelo presidente
Ramon Roca Dordal

DEZEMBRO DE 1912

Senhores Associados :

A directoria, eleita em Janeiro do anno, que finda, pela benevolencia da assembléa geral ultima, resolveu, attentas as difficuldades economicas que a Associação atravessa, realizar uma reforma que, em futuro, nos acoberte contra maiores desastres.

Não podemos continuar a ser partidarios do protectorado economico.

A Associação, desde seu inicio, em Janeiro de 1904, tem arrecadado importancia superior a cem contos, existindo apenas a quantia constante do balancete ultimo, conforme tereis occasião de verificar.

Muitos dos emprestimos condicionaes feitos não foram devolvidos, vindo essas quantias diminuir de modo sensivel o patrimonio social, collocando assim a Associação na contingencia de modificar sua orientação economica, aconselhando medidas de prudencia e maior previdencia para o futuro.

Demais, instituido felizmente o Montepio dos Funcionarios Publicos, as nossas condições economicas soffreram consequentemente sensivel modificação.

Amparados na cooperação do funcionalismo do Estado, podemos, sem duvida, tratar mais decidida e efficaçmente da série de medidas necessarias á maior elevação moral e intellectual da classe, concorrendo assim para a solução pratica do problema em que as classes dirigentes estão empenhadas -- a difusão e aperfeiçoamento do ensino publico primario.

Convencido de que o Professorado deve mostrar-se á altura das aspirações da sociedade paulista, accentuei a necessidade da reforma dos nossos Estatutos, para cujo trabalho encontrei da parte de meus companheiros de directoria a melhor bõa vontade, e de muitos distinctos consocios a mais valiosa coadjuvação.

A Assembléa geral extraordinaria de 22 de Dezembro ultimo, approvando o projecto apresentado pela Commissão, veiu

dar as modificações julgadas necessarias para que a Associação possa alcançar o grau de prosperidade que todos lhe almejamos.

Tratar de construir o edificio em que possamos installar a séde social, é o maior serviço que actualmente podemos prestar; deve ser este, creio eu, o empenho dos que amam verdadeiramente a Associação, dos que desejam a elevação da classe.

Approvados e mandados pôr em execução, a partir de 1.º de Janeiro de 1913, os Estatutos discutidos na assembléa geral de 22 de Dezembro ultimo, elaborados de accôrdo com os distinctos consocios Arnaldo Barreto, Fernando Martins Bonilha, Alfredo Bresser e Carlos Escobar, só me cumpre felicitar a Associação na esperança que em breve colheremos os fructos do trabalho realizado.

Não podemos e nem devemos desanimar do futuro que á nossa Associação está reservado.

Si a obrigação que temos de corresponder ás exigencias do momento, não bastasse, ahí temos o exemplo de tantas outras associações que em sólo paulista prosperam e fazem o orgulho dos que se batem pelo seu engrandecimento e prosperidade.

Construir edificio em que possamos installar a séde social, repito, é o maior serviço que actualmente podemos prestar, deve ser o empenho dos que estimam verdadeiramente a Associação, dos que desejam a elevação da classe, e o progresso da instrucção popular.

Isso havemos de conseguir, estou certo, com os meios estabelecidos, e o concurso indispensavel de todos os srs. Associados, assim como o auxilio de cidadãos distinctos, que, em nosso meio social, estão sempre promptos a concorrer á realização dos nobres empreendimentos.

A Directoria que hoje finda o mandato foi incansavel em estudar e pôr em pratica todos os meios possiveis para reunir em torno do lábaro social o maior numero de abnegados.

Realizou continuamente suas reuniões e distribuiu, de conformidade com a lei, e com as determinações da Assembléa geral do anno passado, a maior somma de auxilios que lhe foi possivel.

Desde seu inicio até o presente anno, a Associação tem distribuido em auxilios e beneficios a seus associados mais de sessenta contos.

O detalhe do estado social actual, está exposto no balancete annual apresentado pelo sr. Thesoureiro, e que vai junto.

Não deixarei de apresentar á vossa gratidão o nome dos Exmos. Srs. Dr. Carlos Guimarães, D. D. Vice-Presidente do Estado, que quando Secretario do Interior, accedendo ás solicitações do nosso D. D. consocio Dr. Oscar Thompson, Illustre Director da Escola Normal da Capital, que tão brilhantemente

exerceu o cargo de Director Geral do Ensino, concedeu que a nossa *Revista* passasse de novo a ser gratuitamente impressa nas officinas do *Diario Official*, poupando assim á Associação avultada despesa, favor que continuamos a receber do Exmo. Sr. Dr. Altino Arantes, actual Secretario do Interior.

Continúa a Associação a ser devedora de muita gratidão aos Srs. Drs. Roberto Gomes Caldas, Lycurgo Pereira e Nicolau Soares do Couto Esher, aos Srs. Cirurgiões Dentistas, Jayme Teixeira, Mario Las Casas, Julio E. de Sant'Anna, assim como aos Srs. pharmaceuticos Ignacio Puiggari, João Santos e Assis Ribeiro, que teem continuado a prestar aos Srs. Associados os seus valiosos serviços profissionaes.

A *Revista de Ensino* tem continuado a ser regularmente publicada, sustentando suas antigas e honrosas tradições.

Em suas columnas, são publicados todos os trabalhos que em relação á pratica do ensino nos são enviados pelos Srs. Professores, concorrendo assim para o aperfeiçoamento dos methodos e processos de ensino.

E' quanto julgo dever levar ao vosso conhecimento, hoje, que, ao entregar o mandato recebido, me diz a consciencia que fiz o possivel para preparar á nossa Benemerita Associação novos dias de prosperidade.

Ao terminar, si me fosse permittido fazer um pedido, eu diria a cada um dos meus distinctos consocios se impuzesse a obrigação de trazer ao gremio mais um desses muitos professores que ainda duvidam das vantagens da unidade de vistas e de esforços para a consecussão de todos os elevados fins sociaes.

* * *

Esboçada assim em rapidos traços a acção da Directoria que hoje finda o mandato, eu vou, senhores associados, pedir me seja dispensada vossa preciosa attenção por mais alguns instantes.

Estabeleçamos a ligação necessaria entre os factos que marcam em longos passos o nosso caminhar.

A's patrioticas aspirações sustentadas e defendidas com incedivel enthusiasmo desde 1882 a 1893, pelos mais distinctos professores, succedeu, em 1901, a agremiação dos mais dedicados, fundando a Associação do professorado, cuja grandeza desejamos.

Hoje, em momento de prova para a Associação, a numerosa classe do professorado que conta em seu seio membros tão illustres, não deixará por certo, de unir-se e congregar-se para bem do ensino e honra da classe.

Pedindo desculpa, direi, perdoae a ousadia, cousas que o Professorado sabe, mais que nunca será demais repetir.

* * *

Cumpre que o Professorado publico, comprehendendo a sua elevada missão e grande responsabilidade, se associe para mais rapida unificação de vistas e aproveitamento de esforços.

Do maior preparo e orientação do mestre primario dependem, em grande parte, muitas das soluções que a seu interesse e aos interesses do povo se ligam intimamente.

Não póde o professor ser indifferente ás tantas soluções que em face de nosso futuro e condições estão a reclamar o estudo de todas as classes.

O Professorado preparado e bem orientado, certamente comprehende quanto deve esforçar-se para conquistar todo o prestigio e confiança a que tem direito.

Isso porém, não se conseguirá completamente, emquanto a maior parte continuar isolada, sem um centro de convergencia em que se trabalhe pelo aperfeiçoamento social.

E' tempo de abandonar o retrahimento em que muitos permanecem, reprimindo essas manifestações de alguns irriquetos e ás vezes irreflectidos espiritos, que se julgam auctorizados a falar em nome de interesses de classe, e que não pertencem á Associação, onde a classe, ponderada e reflectidamente, estuda e emprega os meios para resolver os problemas de ordem geral que demandam solução.

E' descabido e anarchico o zelo daquelles professores que não pertencendo á Associação, e não tendo formado outra agremiação respeitavei pelos seus fins, deixando de discutir entre seus pares, vão, em nome de interesses collectivos, apresentando soluções e indicando orientação.

As corporações organizadas e constituidas regularmente, conseguem mais facilmente synthetizar interesses e aspirações collectivas.

Não é só pelo maior numero que essas soluções teem mais valor; este depende principalmente do modo calmo e regular por que ellas são apresentadas, elaboradas e acceitas.

Demais, si a nossa Associação não conta actualmente em seu seio a maioria da classe, a culpada e responsavel é essa maioria que não quer associar-se, causando assim seu proprio desprestigio e fraqueza.

A nossa vida social já não é de hontem. Grande parte da classe aproveita agora o resultado dos esforços collectivos feitos de ha muito pelos nossos mais dedicados consocios. Ainda mais: a Associação só é, só pode ser, o que a maioria dos seus associados quizer.

Acabamos de fazer uma lei social que eu considero bem inspirada e capaz de permittir a maxima elevação moral e intellectual da classe; mas si assim não é, si ella fôr um empecilho a esse alevantamento desejado, modifique-se.

Congreguem-se os que mais desejam e dictem lei que os satisfaça, que nos conduza ao fim almejado.

As maiorias disciplinadas, impõem sua vontade, são invençiveis.

* * *

Como tantos outros que fatigados de clamar afastaram-se, talvez seja esta a ultima vez que eu me dirija ao Professorado publico paulista. Dir-lhe-ei, porém, que elle e só elle pôde dar remedio aos males de que se queixa e lastima.

Quem assim fala não é um descrente nunca o foi, tem confiança e confiança illimitada nos destinos da Patria amada.

Saiba cada um comprehender e corresponder á grandeza desse futuro!

Não é de hoje que domina em meu espirito esta confiança.

Pela responsabilidade que me cabe no actual momento, em que entrego em vossas mãos o mandato de presidente da Associação donde, durante o anno administrativo que finda, efficaçamente auxiliado por meus distinctos e dedicados companheiros de Directoria, creio ter cumprido o meu dever — em seu nome e no meu, eu vos digo — não espereis mais.

O Professorado precisa dar provas de que está preparado e na altura de sua grande missão, necessita patentear que é uma classe preparada e apta a exercer as nobilitantes funcções de que está investida.

O Professorado deve dar provas de que se esforça incançavelmente para attingir ao completo aperfeiçoamento moral, unico que torna o homem forte, e ao maior aperfeiçoamento intellectual, que torna o homem apto.

Abroquellar-se no diploma, conquistado embora com merito e esforço, não basta para merecer completamente a confiança publica.

E' indispensavel estudar sempre, progredir, aperfeiçoar-se, para ter direito á consideração do povo e poder concorrer a impulsionar o corpo social, de cujo aperfeiçoamento moral o magisterio deve ser o mais vivo exemplo.

Eis, meus senhores e consocios, o trabalho que a Associação tem a realizar para bem da classe e honra do professorado.

O povo assim o precisa, a gloria da Republica assim o exige, o Paiz assim o merece.

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DO PROFESSORADO PUBLICO
BALANÇO GERAL DE 1912

RECEITA		DESPESA	
Saldo, em 31 de Dezembro de 1911	8.742\$054	Pago :	4.025\$000
Importancia depositada no Banco União do Comercio, a deduzir	2.144\$800	Auxílios definitivos em caso de doença e morte.	2.045\$000
Recebido :	5.634\$000	Pensões a viúvas e orphãos	1.300\$000
Annualidades, joias e diplomas	30\$000	Auxílios condicionaes	120\$420
Jóias da Caixa de Creditto	3.565\$500	Sallos, portes e registros	431\$200
Auxílios condicionaes restituidos	276\$500	Revista, publicações e expediente	4.538\$700
Revista de Ensino	630\$714	Empregados e porcentagens	206\$000
Juros na Caixa Economica e no Banco do Comercio e Industria	10.136\$714	Despezas extraordinarias	7.861\$320
Movéis e Utensílios :	1.006\$325	Movéis e Utensílios :	1.006\$325
Valor dos existentes com o abatimento de 5%	1.006\$325	Valor dos existentes	12.007\$400
A receber :	11.615\$700	A receber :	8.770\$000
Letras, vales e obrigações dos antigos empregados	430\$700	Acervo existente.	4.074\$221
Adiantamentos para preparo de papéis	47\$000	Saldo, em 31 de Dezembro de 1912, sendo :	1.032\$627
Saldos em poder dos delegados	6\$000	no Banco do Comercio e Industria	
Apontamentos de letras	20\$000	na Caixa Economica	
Revista de Ensino, colleção vendida	200\$000	Com o Sr. Thesoureiro	
Diversos	50\$000		
Deposito na Companhia de Gaz			
	12.007\$400		8.876\$848
	20.811\$868		20.811\$868

S. E. ou O.

São Paulo, 31 de Dezembro de 1912.

ANTONIO PEIXOTO, thesoureiro.

RAMON ROCA DORDAL, presidente.

REVISTA DE ENSINO

A *Revista de Ensino* continúa a representar na imprensa a «Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo».

E' o seu organ; a ella devem ser endereçados (rua Sta. Theresa, 28) os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

E' representante da *Associação*, perante as commissões de redacção, o Sr. Professor Ramon Roca Dordal, a quem cabe toda a parte relativa ao movimento associativo.

Os membros da *Associação* continuarão a receber a *Revista* gratuitamente, e os não associados podem obtela por assignatura annual de 5\$000.

A Directoria Geral da Instrucção Publica tem a seu cargo a redacção da *Revista*, que voltou a ser editada ás expensas do Exmo. Governo do Estado.

As sras. professoras e os srs. professores podem dirigir os seus trabalhos de collaboracção com este endereço:

«Redacção da *Revista de Ensino*,
 Directoria Geral da Instrucção Publica,
 Rua das Flôres, 9. S. Paulo».

* * *

Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado.

Recebem-se ás collaborações para o seguinte numero.

Realizou-se, de conformidade com os Estatutos, a eleição da Directoria da Associação, que ficou assim composta:

PRESIDENTE

Ramon Roca Dordal — Rua Luiz Gama, 137.

VICE-PRESIDENTE

Alfredo Bresser da Silveira — Rua da Boa Morte, 24.

1.º DIRECTOR

Joaquim Luiz de Brito — Rua Major Quedinho, 7.

2.º DIRECTOR

Luiz Cardoso Franco — Rua Peixoto Gomide.

1.º SECRETARIO

Demosthenes B. F. Marques — Trav. do Hospicio, 18.

2.º SECRETARIO

Carlos Lotito — Rua Prates, 87.

THESOUREIRO

Antonio Peixoto — Rua Aurora, 160.

1.º BIBLIOTHECARIO

Augusto R. de Carvalho — Rua Barra Funda, 61.

2.º BIBLIOTHECARIO

Armando Gomes de Araujo — Rua Barra Funda, 48.

PROCURADOR

Francisco de Assis Velloso — Rua General Jardim, 38.